

# AUTORES & LIVROS

1-3-1948

Proprietária, diretor e redator: MUCIO LEAO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.

N.º 1

Vol. IX

## NOTICIA SOBRE PERO VAZ DE CAMINHA

Pero Vaz de Caminha era escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral e nesse mandado coube-lhe escrever, distando de Porto Seguro, sexta-feira, 1 de maio de 1500, a carta em que comunicava a el-rei D. Mário a descoberta do Brasil.

As circunstâncias de sua vida são contadas ou quase totalmente ignoradas. Jaime Cortesão informa que era natural do Porto, filho de Vasco Fernandes de Caminha, cavaleiro da corte do duque de Guimaraes, mais tarde de Bragança. Imagina-se que Pero Vaz nasceu pelos meados do século XV. Em março de 1475, foi nomeado mestre da Balança da Moeda do Reino. Imagina-se, também, que antes da expedição de Cabral, tomou parte em outras esforçadas empresas — embarcações de guerras na África e de viagens nos mares. Casou-se com D. Catarina Vaz de Caminha e teve uma filha, Isabel de Caminha. Essa Isabel casou-se mais tarde com Jorge de Ousurdo (Osorio) — que é aquele para quem, no final de sua famosa carta, Caminha pede ao rei a mercê de o mandar vir do degredo de S. Tomé. (V. Carta de Pero Vaz de Caminha).

A carta de Pero Vaz de Caminha tem sido chamado "a cordilheira de batismo do Brasil". É curioso considerar, realmente, que o documento mais colorido, mais fulgido, mais cheio de nossa paisagem e mesmo de nossa poesia, tenha sido essa carta do prostígio escrivão de Cabral. É claro que Caminha escreve como sabe e como pode; e o que ele sabe é o seu português de 1500. Mas como, nessa rude e rústica despreocupada de arte, como ficaram fotografadas as gentes, as coisas e os costumes e as cores do mundo que estava sendo descoberto! Observador de inacreditável penetração, Caminha viu tudo e percebeu que tudo era digno de referência. Não tem, em primeiro lugar, o cuidado habitual de não tratar só daquele que lhe diz respeito. Informa ao rei que da marinagem e singraduras do caminho "non darey assi conta a Vossa Alteza, porque o non saberey fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado".

Descreve, porém, a viagem: como a frota seguiu o seu caminho, por este mar de longo atlas terceira feira (nóitavas da Páscoa); como não encontrando aqueles rios compridos a que os mareantes chamam botelhos, aquelas a que chamam rios d'áns, aquelas a que chamam fura buchos.

Na descrição do Brasil, não perde minúcia: vê a paisagem com todos os seus reportes, um recife que surge, uma angra que se cava

no mar, um riosinho que forma uma boca. E vê os bichos, com as suas cores especiais; e é já em sua carta que surgem o verde e o amarelo que mais tarde não de figurar em nossas bandeiras: "em tal maneira se passou a noite, que bem XX ou XXX pessoas das nossas se foram com eles onde muitos deles estavam com moças e mulheres, e trouveram de lá muitos arcos e barretos de penas d'ave, deles verde e deles amarelos de que creio que o capitão lhe de mandar amostra a Vossa Alteza..."

E vê as gentes que lhe parecem tão simpáticas e tão pitorescas... "Afeiçam deles serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e boas narices bem feitos: andam nus, sem nenhumas cobertas... Ali andavam anti eles traz ou quatro moças bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, e compreendidos pelas esquinas, e outras verdes e tão verdes e tão vermelhas e tão limpas das cabeleiras que de as nos bem olharmos não tinham nenhuma vergonha..."; também andavam entre eles 4 ou 5 moças moças asy, nuas, que non pareciam mal, ante as quais andava huílha coxa do gijoito atas o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e al todo da sua propria cor..."

Não tem sido costume dos historiadores da literatura

brasilheira iniciar a série dos seus autores com Pero Vaz de Caminha, preferem iniciá-la com Anchieta ou com Bento Teixeira. Não podemos atinar com as razões dessa exclusão. Se é por ser português, tanto é português o Caminha quanto Anchieta ou Bento Teixeira. Se é pelo saber ou o cheiro do Brasil, Caminha poderá não o ter tanto quanto o canarino, mas o tem de certo muito mais do que o canoneano autor da *Prosopopéia*.

Adverta-se, além do mais, que a Carta de Pero Vaz Caminha é um documento que elucida alguns problemas históricos do Brasil, problemas esses da maior importância. E em primeiro lugar, deixá esclarecido que a descoberta do Brasil não foi, como durante séculos se afirmou, uma obra do acaso: foi um ato consciente e certo da coroa lusitana.

Assim, Caminha é o precursor quando Pedro Cabral seguindo o seu caminho por esse mar de longo, ate que topou terra firme (Mar de longo era o mar entendido em sua extensão mais vasta, naquela tempo o mar no rumo leste-oeste). O que significa que Cabral saiu conscientemente, de acordo com a lição dos cosmógrafos portugueses, para ir descobrir uma terra misteriosa que jazia no remoto oeste.

Assim, Caminha é o precursor quando Pedro Cabral seguindo o seu caminho por esse mar de longo, ate que topou terra firme (Mar de longo era o mar entendido em sua extensão mais vasta, naquela tempo o mar no rumo leste-oeste). O que significa que Cabral saiu conscientemente, de acordo com a lição dos cosmógrafos portugueses, para ir descobrir uma terra misteriosa que jazia no remoto oeste.

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, cinco ou seis mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje rarissimamente aparece, atinge ao custo de cinco e seis mil cruzeiros.

Faça a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.



Retrato de Pedro Álvares Cabral (Varões e Donas)

## SUMARIO

PAGINA 1:

- Notícia sobre Pero Vaz Caminha.
- "Autores e Livros" e seus assinantes.
- Uma candidatura acadêmica.
- Sumário.

PAGINAS 2, 3, 4, 5, 6:

- A Carta de Pero Vaz de Caminha. Leitura e Notícias de Carolina Meaçlis de Vasconcelos.

PAGINA 7:

- A Carta de Vaz de Caminha, de João Ribeiro.
- Curso de Jornalismo. — Discurso sobre a imprensa, de Clemente Mariani.
- Edições da Carta de Pero Vaz de Caminha.

PAGINA 8:

- Crítica, História e Legislação Jornalística. — Primeiro ponto. — A Moral, Conceito e importância da Moral, do Prof. Mucio Leão.

PAGINAS 10 e 11:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea. Primeira série, Antologia da Poesia. XXX
- Valfredo Martins.
- Valfredo Martins (nota biográfica).
- Bibliografia de Valfredo Martins.
- Sonetos de Valfredo Martins.
- O Bracelete;

## Uma Candidatura Acadêmica

Está posta na Academia Brasileira de Letras, na vaga de Roberto Simonsen, a candidatura do Sr. Aníbal Freire da Fonseca.

O nome, a obra, a tradição desse ilustre escritor brasileiro e sagraram, de há muito, a um dos fauteuils da Casa de Maçado de Assis. Jornalista desde a adolescência, tendo exer-

cido a direção do Diário de Pernambuco e o do Jornal do Brasil; político de intensa atividade no parlamento da primeira República; jurista de erudição poderosa, como o seu denunciadíssimo, há cerca de dez anos, no Supremo Tribunal Federal — é o Sr. Aníbal Freire, em todos os laços de sua vi-

(Continua na 11.ª pág.)

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

Senhor,  
pusto que o Capitão-mor des-  
ta frota, e assim (meu) os  
outros capitães escrevam a  
Vossa Alteza (1) a notícia do  
achamento desta Vossa terra  
nova, (2) que se agora nesta  
navegação achou, não deixarei de  
também dar disso minha  
conta a Vossa Alteza, assim co-  
mo eu melhor puder, ainda que  
— para bem contar e falar —  
o saiba peor que todos fazer!

Todavia teme Vossa Alteza  
minha ignorância por boa von-  
tade (3), a qual bem certo creia  
que, para a fornecerem nem  
afear; aqui não há de pôr mais  
do que aquilo que vi e me pa-  
receu. (4).

Da marinheira e das sin-  
guradas do caminho não da-  
rei aqui conta a Vossa Alteza —  
porque o não saberia fazer —  
e os pilotos devem ter este cui-  
dado.

E portanto, Senhor, do que  
hei de falar começo:

E digo que

a partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe, segunda-  
feira 9 de Março. E sábado,  
14 do dito mês, entre as 8 e 9  
horas, nos achámos entre as  
Canárias, mais perto da grande  
Canária. E ali andámos todo  
aquele dia em calma, à vista  
delas, obra de três a quatro lé-  
guas. E domingo, 22 do dito  
mês, às dez horas mais ou me-  
nos, houvemos vista das Ilhas  
de Cabo Verde, a saber da Ilha  
de São Nicolau, segundo o dito  
de Pero Escobar (5), photo. —

Na noite seguinte à segunda-  
feira (quando) aninheceu, se  
perdeu da frota Vasco de Ataí-  
de com a sua nau, sem haver  
tempo forte ou contrário para  
(isso) poder ser! (6)

Fiz o Capitão suas diligê-  
cias para a achar, em umas e  
outras partes. Mas... não apre-  
serei mais! (7)

E assim seguimos nesse ca-  
minho, por este mar de longo-  
(8), até que terça-feira das Ocas-  
tas da Páscoa, que foram 21  
dias de Abril, topámos alguma  
sinal de terra, estando (distante)  
da dita Ilha, — seguindo os pilotos diziam obra de  
600 ou 970 léguas — os quais  
sinais eram: muita quantidade  
de borbas compridas a que os  
mareantes chamaam botelhe, e  
muitas outras a que dão o  
nome de rabe-de-asne. E  
quinta-feira seguinte, pela  
noite, topámos aves a que  
chamam turabuches.

Neste mesmo dia, à hora de  
vespera, houvemos vista de ter-  
ra! A saber, primeiramente de  
um grande monte, mal alto e  
redondo; e de outras serras  
mais baixas ao sul delas; e de  
terra chã com grandes arvo-  
res; ao qual monte alto o Ca-  
pitão pôs nome **O Monte Pas-  
coal** e a terra **A Terra de Ve-  
ra-Cruz**.

Mandou lançar o prumo.  
Achámos vinte e cinco braças  
e ao sol-posto, umas sete léguas  
da terra, surgiu-nos âncoras, em  
descerem braças — encoragem  
limpa. Ali ficámos-nos todo  
aquelha noite (9). E quinto-fei-  
ra, pela manhã, fizemos vela e  
seguimos em direcção à terra, indo os navios pequenos diante  
— por desassento, desassalto,  
quinte, efeitos, doze, nove bra-  
ças — até meio-léguas da terra,  
onde todos lancámos âncoras,  
em frente da boca de um rio.  
E chegámos a esta encor-  
gem às dez horas, pouco mais  
ou menos. —

E dali avistámos homens que  
andavam pela praia, uns sete  
ou oito, segundo disseram os  
navios pequenos que chegaram  
primeiro.

Então lancámos fôra os ba-  
téis e esquifes. E logo vieram  
a todos os Capitães das naus a  
esta nau do Capitão-mor. E ali  
falaram. E o Capitão mandou  
em terra a Nicolau Coelho para  
ver aquele rio. E tanto que ele  
começou a ir-se para lá, acudiu-  
ram pela praia homens, nos



Retrato de D. Manoel, o Venturoso, rei de Portugal na época da descoberta do Brasil.

dois e os três do manilho  
que, quando o batel chegou à  
boca do rio, já lá estavam de-  
sacado ou vinte.

Pardos, mis, sem couro al-  
guma que lhes cobrisse suas  
vergonhas. Traziam areias nas  
mãos e suas sotas. Vinham ca-  
dele rijaamente com kurcum ao  
batel. E Nicolau Coelho lhes  
fez sinal que pousassem os  
batelos. E eles os despararam. Mas  
não podia dêles haver fala nem  
entendimento que oportuvesse,  
por o mar quebrou na costa.

Sómente arremessaram tam-

bém vermelhas e uma cara-

paça de linho que levava na

cabeca, e um amarrado preto.

E um dêles lhe arremessou um

sombrio de vêrtex d'ave,

comprido, com uma copa-zinha

pequena de peças vermelhas e

pardas como de parafuso (10).

E outro lhe deu um ramilho

grande de cintilhas brancas,

muitas que querem parecer de

aljofra. (11) as quais prece-

cia que o Capitão mandava a

Vossa Alteza. E com isto se

volveu as naus por sete tardes e

não poder haver dêles mais

fala, por causa do mar (12).

A noite seguinte ventou tan-

to suete como chuva-chuva que

faz caçar as náus. E especial-

mente a Capitânia. E sexta

pela manhã, as cito horas, pou-

co mais ou menos, por con-

selho dos pilotos, mandou o Ca-

pitão levantar um orão e fazer

vela. E fomos de longo da costa

com os batéis e esquifes

amarraados na popa, em direc-

ção norte, para ver se achava-

mos alguma abrigada e bom

pouso, onde nós ficassemos, pa-

ra dormir: água e lenha. Não

por nos já minigar, mas por

nos preventirmos aqui. E quan-  
do fomos vela estavam já na  
praia assentados perto do ri-  
o ou de ribeira ou sítio de ba-  
ixo que se davam juntando  
ali os pescadores. Fomos no longo,  
e mandámos o capitão das naus  
pequenas que ficassem mais che-  
gando à terra e se achassem  
pouco seguro para as náus, que

deveriam ir para a mar. E

mandámos que ficassem ali  
até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

E fomos para a terra, e

mandámos que ficassem ali

até que o mar se calasse.

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

## Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

tos à praia. Ali escuridaram logo perto de duzentos homens; todos nós, com arcos e setas nas mãos. Aquies que não levámos, acenaram-lhes que se afastassem e depusessem os arcos. E eles os depuseram. Mas não se afastaram muito. E mal tinham poussado seus arcos quando saíram os que não levávamos, e o mancamento degredado com eles. E saídos não paramos mais; nem esperava um pelo outro, mas antes corriam a quem mais corriam. E passaram um rio que por si corre, de água doce, de muita água que lhes dava pelas brilhas (29). E muitos outros com eles. E foram assim correndo para além do rio entre umas montanhas de palmeiras onde estavam outros. E ali pararam. E nascido tinha ido o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até a nós. Mas logo o tornaram a nós. E com ele vieram em outros que não levávamos, os quais vinham já nus e sem capuzos.

29. Aí se começaram de correr muitos, e chegavam pela beira do mar para os batéis, ate que mais não podiam. E também estavam estendidos, e todos, alguns barris que nos levávamos, e estendiam-nos do lado e traziam-nos nos batéis, todos que des de todo meagressam

lendo do batal. Mas juntou-se ali, e tornavam-no de mão. E que tornavam-lhos. E pediam que lhes dessem alguma coisa.

29. Nicolau Coelho chegava e mandava. E a um deu um casaco, e a outro uma camisa, de mancha, que cada turco encarna (30) quasi nos que queriam dar a mão. Deixavam-nos daqueles arcos e setas em trosco de sombrinhos e capuzos de linho, e de quando que ocoava que a gente lhes dava.

29. E partiam os outros que mancavam, que não os viriam mais.

29. E que ali andavam muitos — e curvavam a mão parte — e deixavam aqueles licos de ouro que usavam (31).

29. E alguns que andavam nua era, traziam os bicos fumados e os bicos brancos traziam um estreito de pau, que pareciam espadas de bocanha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

29. E andavam entre eles três ou quatro moças, bem novilhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas tam altas; e tam cerradinhos e tam limpas que cabeleiras que, de as nos mudado bem olhamos não se envergonhavam (32).

29. Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novilhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas tam altas; e tam cerradinhos e tam limpas que cabeleiras que, de as nos mudado bem olhamos não se envergonhavam (33).

29. Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria (34) deles ser tamanha que se não entendiam ouvia ninguém. Acenaram-lhes que se fossem. E assim o fizeram e passaram-se para além do rio. E saíram três ou quatro homens nosso dos batéis, e enceraram não sei quantos barris d'água que nos levávamos. E tornaram-nos à praia. E quando assim viravam, acenaram-nos que voltassem. Voltámos, e elas mandaram o degredado e não quissem que ficasse lá com elas, e qual levava uma bacia pequena e duas ou três capuzas vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não traziam de lhe tirar cousa alguma, antes mandaram-nos com tudo. Mais entrou Bartolomeu Dias o fêz outra vez tornar, que lhe desse aquilo. E ele tornou e deu aquilo, em vista de

nós, bem uma hora e meia. E entrou velo e não levámo-lo.

29. Fiz que o agasalhou era já de idade, e andava por galantaria, cheio de pímas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam capuzas de pímas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros de verdes. E tanta daquelas roupas era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura, e certo era tam bem feita e tam redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) (29) tam graciona que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, envergonhava, por não terem as suas como elas. Nenhum deles era fandado, mas (antes) todos assim como nós.

29. E com isto nos tornámos, e eles foram-se.

29. A tarde saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós outros Capitões das náus em seus batéis a folgar pela-baia, perto da praia (25). Mas ninguém saiu em terra, por o Capitão a não querer. E, apesar de ninguém estar nela. Apenas saiu — ele com todos nós — em um ilhéu grande que está na baia, e que é quando a baixar mar, fica num vaso. Com tudo está de todas as portas fechado de água, de sorte que ninguém lá pode ir, e não sei se barco ou a nado. Ali fiquei ele, e todos

nós, bem uma hora e meia. E pescaram lá, andando alguns marinheiros com um chinchorro; e mataram peixe milido, não muito. E depois voltaramos as náus, já bem noite.

\* \* \*

29. Ao domingo de Pascoa pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arranjasssem nos batéis e fôssem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão (26) naquele ilhéu, e dentro levantar um altar com arranjo. E ali com todos nós outros fizeram missa, a qual disse o Padre Frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros Padres e Sacerdotes que todos assistiram a qual missa. Segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e dæceção (27).

29. Ali estava com o Capitão a bandaria da Ordem de caravaggio de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre a terra para passarmos ao longo por onde estavam, indo da dianteira, por o orden do Capitão. Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almada que lhes o mar levava, para o entregar a eles. E nós todos traímos ele, à distância de um tiro de pedra.

29. Acabada a pregação encaminhou-se o Capitão, com todos nós para os batéis, com nossa bandeira alta. Encarregamo-nos todos indo todos em direção à terra para passarmos ao longo por onde estavam, indo da dianteira, por o orden do Capitão. Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almada que lhes o mar levava, para o entregar a eles. E nós todos traímos ele, à distância de um tiro de pedra.

29. do achamento desta terra, referindo-se a Cruz, sob cuja obediência vieram, (membrança) que veio muita devoção, e fêz muita devoção (28).

29. Enquanto assistímos à missa e o sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem (29), com seus arcos e setas, e andava folgando. E andando, sentaram-se muitos deles e tangeram canto ou canzona e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadas — duas ou três que lá tinham — as quais não se fôssem como as que eu vi (30); apesar só três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, e estavam que queriam (31), não se afastando quasi nada da terra, só até onde podiam tocar pé.

29. Acabada a pregação encaminhou-se o Capitão, com todos nós para os batéis, com nossa bandeira alta. Encarregamo-nos todos indo todos em direção à terra para passarmos ao longo por onde estavam, indo da dianteira, por o orden do Capitão. Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almada que lhes o mar levava, para o entregar a eles. E nós todos traímos ele, à distância de um tiro de pedra.

29. Como viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos, e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não os punham.

29. Andava lá um que falava muito aos outros, que se afastavam. Mas não já que a mim me parecesse que lhe tinham respeito ou medo. Este que os assim andava afastando trazia seu arco e setas. Estava tinto de tinta vermelha pelos peitos e costas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, mas os visões com a barriga e estomago eram de sua própria cor. E a tinta era tam vermelha que a água lha não comia nem desfaria. Antes, quando saia da água era mais vermelho. Saíu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava no meio deles, sem implicar nada com ele, e muito menos ainda pensavam em fazer-lhe mal (32). Apenas lhe davam cabecas d'água; e acenavam-lhe os esquifes que saíram em terra. Com isto se voltou Bartolomeu Dias ao Capitão. E viu-me-nos a náus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem os matar stranger (33). E eles tornaram-se a sentir na praia; e assim por entusiasaram.

29. Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e sermão, espirava muita água e descorre muita areia e muita cascalho. Enquanto lá esfumavam foram algumas buscar marisco e não no acharam. Mas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande camarão e muito cascalho; que em nenhum tempo o vi tantar. Também acharam cascas de berbigões e de amêijoas (34), mas não toparam com nenhuma pega interna. E depois de termos comido vieram logo todos os capitães a este ilhéu, por orden do Capitão-mor, com os quais ele se separou; e com a sua companhia. E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a hora de encalhamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio das mantimentos, para a melhor manter descober e saber dela mais do que nós podíamos saber, por irmos na nossa viagem.

29. E entre muitas faltas que sóbre o caso se fizeram foi dito, por todos a maior parte, que seria muito bem. E isto concordaram. E logo que a resolução foi tomada, perguntou mais, se seria bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui em lugar destes outros dois destes degredados.

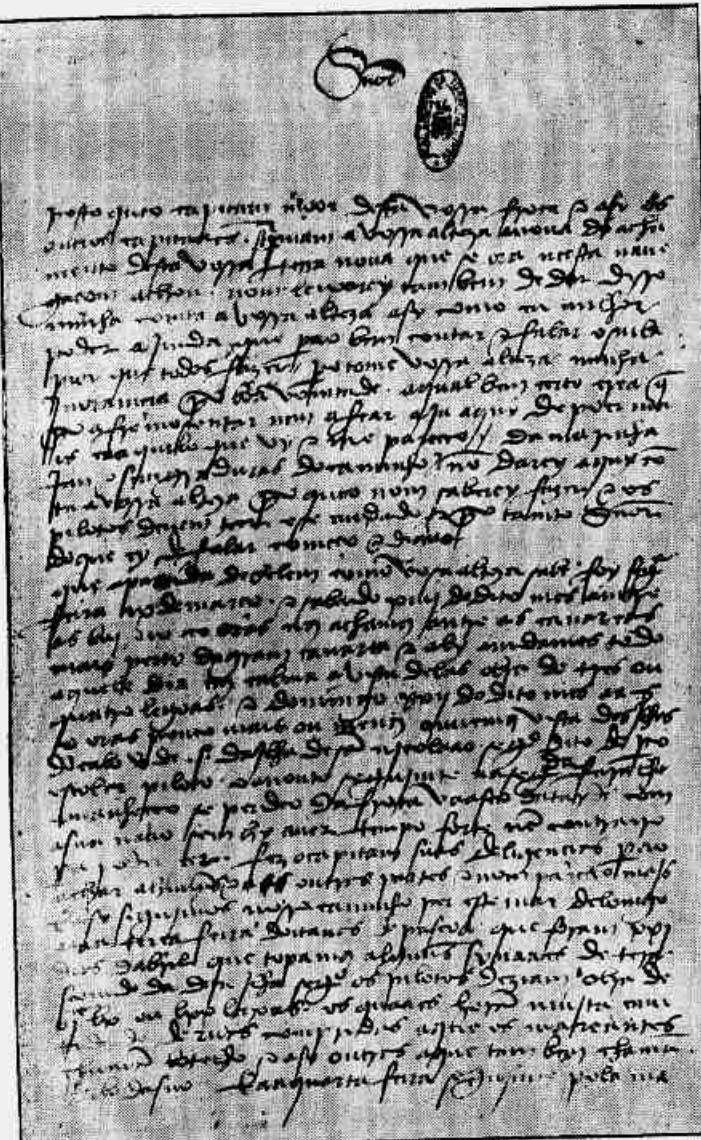
29. E concordaram em que não era necessário tomar por força homens, porque costume era dos que assim à força levavam para alguma parte dizerem que há de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens desses degredados que aqui deixassem do que eles dariam se os levavam, por ser gente que ninguém entende. Nem eles cedo aprenderiam a falar para o saberem tan bem dizer que muito melhor estouras o não digam quando cá Vossa Alteza mandar.

29. E que portanto não cuidassem de aqui por força tomar ninguém, nem (de) fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar e apaziguar, unicamente de deixar aqui os dois degredados quando daqui partissemos.

29. E assim ficou determinado por parecer melhor a todos.

29. Acabado isto, disse o Capitão que fôssemos nos batéis em terra. E ver-se-la bem, quando era o rio. Mas também para folgarmos.

29. Fomos todos nos batéis em



Primeira página de autógrafo de Pero Vaz de Caminha — (Carta ao rei D. Manuel)

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

terra, armados; e a bandeira  
conosco. Eles andavam all na  
prata, à beira do rio, o qual não  
é mais ancho que um Jogo de  
mancal. E tanto que desem-  
bocámos, alguns dos nossos  
passaram logo o rio e meteram-  
se entre eles. E alguns aguanta-  
vam; e outros se afastavam.  
Com tudo, a causa era de ma-  
neira que todos andavam mis-  
turados. Eles davam desses ar-  
cos com suas setas por som-  
brelhos e carapuças de linho,  
e por qualquer causa que lhes  
davam. Passaram ali tanta-  
dos nossos e andaram assur-  
disturados com eles, que eles  
se esquivavam, e afastavam-se;  
e iam alguns para cima, onde  
outros estavam. E então o Ca-  
pítão fez que o tomasssem no  
colo douz homens e passou o rio,  
fêz tornar a todos. A gente  
que ali estava não seria mais  
que aquela do costume (35).  
Mas logo que o Capitão cha-  
mou todos para trás, alguns se  
dirigiram a ele, não por re-  
screverem por Senhor (visto  
que parecia que não compre-  
hendiam nem entendiam isso), mas  
porque a gente, nossa, já pas-  
sava para aquele do rio. All  
dirigiam, e traziam muitos ar-  
cos, e continhas daquelas já  
ditas, e resgatavam-nas por  
qualquer causa, de tal maneira  
que os nossos levavam dali pa-  
ra as naus muitos arcos, e se-  
usas e contas.

— E então tornou-se o Capitão para a quem do rio. E logo subiram muitos à beira dele.

Ali verieis (38) / galantes,  
estados de preto e vermelho, e  
artejadas, assim pelos corpos

como pelas nozes, que, certo, assim pareciam bem. Também davam entre elas quatro ou cinco mulheres, novas, que assim suas não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma cósia do joelho (até o quadril) e a nadega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos em curvas, assim tintas, e também os colos dos pés: e as vergonhas tam' nusas, e com tanta inocência descobertas, que não havia nascido vergonha nenhuma.

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino e uma menina, atada com um cinto (não sei de que) aos pés, de modo que não se lhe iam soltar as perninhas. Mas as pernitas da gente, e da menina, não haviam nascido alguma

— Os não havia pôr aquela  
Em seguida o Capitão foi sub-  
indo ao longo do rio, que cor-  
rente à praia. E ali esprou-  
veu um veado que traçava na  
só uma pô de almadina. Pa-  
ra, enquanto o Capitão era  
com ele, sua presença de tu-  
mos nos; mas ninguém o en-  
tendia, nem ele a nós, por raias  
que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, por-  
que desejávamos saber se o  
avia na terra.

Trazia éste velho o beijo tanto rado que lhe cabia pelo buço um grosso dedo polegar. Trazia metido no buraco uma adra verde, de nenhum valor.

e fechava por tóm aqule  
moco, e o Capitão Iu-  
mar. Ele não sei que dize-  
java e com ela pra lá pra ba-  
ixo o Capitão e sua master. E-  
vemos vindo um praça e di-  
zendo palavras sobre isso. E-  
ntão enfadou-se o Capitão  
deixou-o. E um dos homens  
saiu pelo pedro um sal-  
treiro velho, não por ele valer  
nada, mas para um a-  
lmo. E depois houve a nego-  
ciação, eis que aí um m'bro  
destrás com o seu a-  
lmo.

Andámos por ai verás : «  
- sáro, o qual é de muita terra  
- muito terra. Ao longo dele, a  
- muitas palmeiras, não muitas  
- árvores; e muito bem palmeiras.

**Colhemos e comemos muitos  
dites.**

Depois tornou-se o capitão para baixo para a boca do rio, onde tínhamos desembarcado.

Além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banha do rio Diego Diaz, que fôra amoxariré de Sacavém, o qual e homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gateto nos a com sua gata. E meteu-se a cançar com ês, tornando-os pelas mãos; e êles folavam e rião, e andavam com oito muito bem ao som da gaita. D. Pois de dançarem fêz-lhes aí muitas vozes ligeras, andando, no chão, e saltão res, de que rei espantavam e rião e folgavam muito. E conquisito com aquilo os seguirão e afanou muito, tornavam logo uma esquivas como manteles, e fiam-se para cima.

E então passou o Rio o Capitão com todos nós, e fomos pela praia, de longe, ao passo que os batelãs iam rentes à terra. E chegámos a uma grande lagôa de água doce q.d. está perto da praia, porque toda aquela ribeira do mar é apasada por cima e sai a água por muitos lugares.

Em depoimento de passarmos o rio, foram uns sete ou oito dias, menor-se o nível do mar, que se recolhiam aos bateis. E levaram dali um tronco que Bartolomeu Dias matou. E levavam-lho; e lincou-a na orna.

Bastará (isso para Vossa Alteza ver) que estê aqui, como quer que se êsta em alguma parte amansassem, logo de uma mão para a outra se esquivavam, / como pardais, (com medo) do cevadão. E tudo se passa como êles querem. — para os bem amansarmos!

Ao velho com que o Capitão havia falado, deu-lhe um carapuça vermelha. E com tā a conversa que com ele houve, e com a carapuça que lha d. tā tanto que se esqueceu e conseguiu a passar o rio. Ia-las logo retorcendo. E não quis mais tornar do rio para aquém. Os outros dous que o Capitão teve nas mãos, a que deu o que já ficou dito, numas malas aquapareceram - factos de que apanhou que é gen e bestial e de pouca sorte, e por isso, tās ei-que. Mas a-pesar-de lū i-ssò andam bem curados, e muito limpos. E na u. o a uma malas mi conveni, que são como aveia, ou anas mantecadas, nos quais o ar faz mochilas pés e meito: cada u. que as manhas, porque os s. u. no- pos são tās limpas e tan gordas e tan firmos que nās pode ser mais! E isto me faz presumir que nās tem casas nem moradas em que se recolham: e o ar em que se criam

tornámos às ruas, já quase noite, a dormir.

com os ossos nítidos, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouricós verdes, dícarvos, que na cor queriam parecer de castanheiros, embora fôssem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos vermelhos, pequeninos que, esmagando-os entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam raspados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas.

trazem todas (44) as festas,  
de fonte a fonte, tintas de tinta  
preta, que parece uma fita  
preta da largura / de dous  
dedos.

E o Capitão mandou aquele degradado Afonso Ribeiro e a outros dois degradados que fossem meter-se entre eles; e assim mesmo a Diogo Dias, por ser homem alegre, com que eles folgavam. E aos degradados ordenou que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos; e andaram entre elas. E segundo depois diziam, foram bem uma legião e meia a uma povoação, em que haveria novo ou dez casas, as quais diziam que eram tam compridas, cada uma, como esta na capitalina. E eram de madeira, e das tibargas de tabaco, e cobradas de palha, de ranzauvel altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma.

guma, tinham de dentro muitos estóicos; e de estóico a estóico uma rede atada com cabos em cada estóico, altas, em que dormiam. E de baixo, para as aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontravam; e que lhes dera de comer dois alimentos que tinham (45), a saber muito inhame, e outras sementes que na terra há, que eles comem. E como se fazia tarde fizeram-no, logo todos tornar; e não queriam que lá ficasse nenhum. E ainda, segundo diziam, queriam vir com eles. Resgataram-lá por escravas e por outras cozinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e duas verdes pequeninas, e carapuças de pénas verdes, e um par de penas de muitas cores, espécie de tecido assim belo, segundo Vossa Alteza tédiam estas coisas verá, porque o Capitão vo-las lá de mandar, segundo ele disse. — E com isto vieram; e nós tornamo-nos às nuvens. —

Terça-feira, depois de comer, fomos em terra, 'fazer lenha (dar / guarda de lenha) (48).



Peru Vaz de Caminha leu a Pedro Álvares Cabral e a Frei Henrique de Coimbra a carta que envia de escrever a el rei de Portugal, D. Manuel (Quadro de Aurélio de Figueiredo, pintor brasileiro)

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

## Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

e para lavar roupa. Estavam na praia, quando chegámos, uns sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegámos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos. E misturaram-se todos tanto como se que uma nos ajudavam a acarrear lenha e metê-la nos batéis. E lutavam com os nossos, e tomavam muito prazer. E enquanto nós fazíamos a lenha, construíram dois carpinteiros uma grande cruz, de um pau que se entem para isso cortara. Muitos déles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o fiam mais para verem a ferramenta de ferro com que a faziam do que para verem a cruz, porque eles não têm couça que de ferro seja, e cortam sua madeira e pau com pedras feitas como cunhais, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes. (47) segundo diziam os homens que entem (foram) as casas (déles) porque lhas viram lá. Era já a convergência destes conhecidos tanto que quasi nos estoravam no que havíamos de fazer.

E o Capitão mandou a dous degradados e a Diego Dias que fossem lá à praia, e a outras se houvessem notícias delas, e que de modo algum viessem a dormir às naus, ainda que os mandassem embora. E assim se fizeram.

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessávamos algumas papagaias essas árvores verdes muias, e pardas, outras grandes e pequenas, de sorte que me parece que haverá muitas nesta terra. Todavia es que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos senão, a não ser algumas pomba-selvagens, pareceram-me muitas bastante, do que as de Portugal. Vários diziam que viriam rôlas, mas eu não as vi. Todavia, segundo os arvoredos são muitas, e grandes, e de infinitas espécies, não duvide que por esse serido haja muitas aves!

E cerca da noite nós volvemos para as naus com nossa lenha. —

E creio, Senhor, que não sei ainda conta aqui a Vossa Alteza do feito de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos e as setas (também) compridas; e os ferros delas são canas apuradas, conforme Vossa Alteza verá por alguns (exemplares) que creio que o Capitão e Ela há de entar. —

Quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão andou todo o dia no nariz dos munitamentos a despejá-lo e fazer levar às naus isso que cada uma podia levar. Eles acudiram à praia; muitos, segundo das naus vimos. Seriam perto de trezentos, segundo (disse) Sancho de Tosi que para lá foi, Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degradado, aos quais o Capitão entrou ordenado que de toda a maneira lá dormissem, (tinham voltado já de noite, por eles não quererem que lá ficassem). E traziam papagaias verdes; e outras aves pretas, quasi como pênas, com a diferença de terem o bico branco e rabos curtos. E quando Sancho de Tosi recolheu à nau, queriam vir com ele, alguns; mas ele não admitiu senão dois muios / cobos, bem dispostos e homens de pral. Mandou pensar e curá-los mui bem essa noite. E comeram toda a ração que lhes deram, e mandou dar-lhes canas de leipois, segundo ele disse. E dormiram e folgaram

nos cada um em sua cadeira. E de tudo quanto lhes deram, comeram mui bem, especialmente presunto cozido frito (48), e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Tosi dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metem-nos todos no batel, e elas com-nos. Deu um grumete a um déle uma armadura grande de porco montês (49), bem revelada. E logo que tomou meteu-a no belo; e porque se lhe não queria seguir, deram-lhe uma pouca de cera vermelha (50). E ele cegou-lhe a esquerda da parte de trás de sorte que segurasse, e meteu-a no belo assim revolta para cima; e a tanta conste que com ela, como se tivesse uma grande joia. E tanto que saiu em terra, folgou logo como ela. E não tornou a aparecer lá...

Ajudaram na praia, quando saímos, oito ou dez déles; e de ai a pouco começaram a vir

aquela noite. E não houve mais este dia que para escrever seja. (51)

Quinta-feira, derradeiro (dia) de Abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos em terra por mais lenha e água. E em quarenta o Capitão saiu desta nau, chegou Sancho de Tosi com seus dous hospedes. E por ele ainda não ter comido, pussem-lhe toalhas, e velo-lhe currida. E comeu. Os hospedes, sentaram-

puçossemos todos da joelhos e a beijassemos para eles verem o acatamento que lhe tinhamos. E assim fizemos. E a essa dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Parce-me gente de tal inocência que, se nós entendesséssemos a sua fala e elas a nossa, seríam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as apariências. E por tanto, se os degradados feitos e galantes com suas pin-

dentes inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes eram a terra e as árvores que se derram. E com isto andavam e tam ríos e tam medos que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Nesse dia enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, sozinhos de um tamboril nosso, como se fossem mui amigos nossos, de que não se sentem. Se lhes a gente acenava, se queriam vir de novo, apontavam-se logo para isso, de modo tal que, se convideiros a todos, todos vieram. Porém não levámos para a noite à mui senão quatro ou cinco; a saber, o Capitão, dous; e Simão de Mira, um que já trazia por parentem; e Aires Gomes a outrepajem também. Os que o Capitão trazia, era um déle todos os seus hospedes que lhe haviam trazido a primeira vez quando aqui chegámos — qual veio hoje aqui vestido sua camisa, e com de um irmão; e foram esta noite também agasalhados tanto de cime de cama de cuchões e lençóis, para se manterem.

E hoje que é sexta-feira, pelo meio dia de Maio, pelas manhãs em terra com o tamboril; e fomos desembocar no selmo, contra o sul, onde nos parecia que seria melhor arverar a cruz, para melhor ver a vista. E ali marcou Capitão o sítio jondo, havendo de fazer a cova para a坟 (52). E enquanto a lama secou, ele com todos nos entremos pela cruz, não abrindo ela estiva. E com os religiosos e sacerdotes que estavam, a frente, fomos trazida d'ali, a modo de procissão. Eram já al quantitudo dezenas, setenta ou cento; e quando nos assim viram chegar, nuno se fomos meter debaixo dela, ajudar-nos. Passámos río, no longo da praia; e fomos encosta onde havia de río que sera obra de dous tiros de besta distante do río (53). Andando-se ali nisto, viram bem certo e chococá, ou mui plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza. E primeiramente haveriam pregado a marcar altar ao pé dela, disse missa o Padre Frei Henrique, a qual foi cantada e cantada por essas já ditas. Ali estiveram comunicado, assistindo a ela, perto de cincuenta sessenta déles, assentados todos de joelhos assim como nós. E quando se veio ao Evangelho que nos erguemos todos em com as mui levantadas, eles levantaram comunicado, e aliaram as muios, estando assim quando se chegou ao fim; e então se assentou a assentou como nós. Eram-se levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, e elas se puseram todos assim como nós estávamos com as mui levantadas, e em tal maneira sussurrados que certificou Vossa Alteza que nos fizeram a devoção.

Estiveram assim comunicado acabada a comunhão; e para o comunhão, comungaram esses religiosos e sacerdotes, e o Capitão com alguns deles, e outros déles, para o sol ser grande, levantaram-se enquanto estavam comunicando, e outros estiveram e ficaram. Um déle, homem de cincuenta ou cincuenta e cinco anos, se conservou alli com aqueles que ficaram. E quando assim estavam, juntava aqueles que alli tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre elas, folgando-lhes, acenou com o deito para o altar, e depois mostrou



Carolina Micaelis de Vasconcelos, a illustre mestra de erudição portuguesa, cuja versão da Carta de Pero Vaz de Caminha incluímos em nossas páginas

# CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

## Leitura e Notas de Carolina Micaelis de Vasconcelos

com o dedo para o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomámos.

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou do Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia (58), tratando no fim da pregação desse vosso prosseguimento tanto santo e virtuoso, (de sorte) que nos causou muita devocção.

Esses que estiveram sempre à pregação, estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que vieram ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruzes de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda (59). E houveram por bem que largassem a cada um (a) sua ao peccado. Por essa causa (ou por essa causa) se assentou o Padre Frei Henrique no pé da Cruz; e ali lanchava a sua a todos, — um a um — ao peccado, ainda em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos; e largaram-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cincuenta. E isto acabado — era já dem um hora depois do meio dia — vieram as náus a comer, (para) onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez os outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu

irmão com ele). A aquele fez muita honra / e deu-lhe uma camisa moura; e ao outro uma camisa d'estouros.

É segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra causa para ser toda crística, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos no desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não devo logo de vir sacerdote para os baptizar; porque já estão tanto mais conhecimento de nossa fé, pelos degradados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram.

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual estava sempre à misericórdia, a qual dava um pano com que se cobriam; e puseram-no em volta deles. Todavia, ao acertar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior, — com respeito ao pudor. —

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive, se se converterá, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos perante

ela beijar a cruz. E despedimo-nos e fomos comer.

Creio, Senhor, que com estes degradados que aqui ficam, ficarão mais dous grumetes, que esta noite se saíram em terra, derta náu, no esquife, fugidos, os quais não vieram mal. Creemos que ficarão aqui porque de manhã, deixando a Deus, fazemos nossa partida daqui.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que / mais contra o Sul vimos, até a outra ponta que contra o Norte vem, de que não dêste pôrto houvesse vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Três ou quatro do mar em algumas partes grandes barreiras, umas verdes, e outras de rocas; e a costa é de cima tida chã e muito cheia de grandes ervas-das. Em ponta a ponta é toda praia... (70) muito chã e muito formosa. Pelo escritório nos parece vista do mar, muito grande; porque, a sete ou oito milhas, não podiamos ver senão terra e arboração — terra que nos parecia muito extensa.

Ali agora não podemos saber se há ouro ou prata na ilha, ou outras coisas de metáis, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons arroz, fracos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo d'água das assim os achávamos como os de lá. (As) águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é gra-

ciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-há nela tudo; por causa das águas que tem!

Com tudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E este deve ser a principal semelhança que Vossa Alteza em el deve largar. E que não houverem mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pouzada para essa navegação de Calicut, (isso) bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, e saber apresentamente da nossa gente! —

E esta manhã que aqui a Vossa Alteza conta de que leva Vossa Alteza vi (56). E se é um pouco siongues. Mas me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, me fez pôr assim pelo móde.

É o que, Senhor, é certo que tanto nesse cargo que levo como em outra qualquer, causa de Vossa serviço fôr. Vossa Alteza há de ser de milhares servida, e não paga que por mim fizer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Oviedo meu parente — o que d'Elia receberá em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Dáte Pôrto-Seguro, da Vossa Ilha da Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de Maio de 1500 (58).

a. Pero Vaz de Caminha.

## NOTAS A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(1) A Carta de Pedro Vaz de Caminha é datada de Hoje pentecoste, primeiro dia de Maio de 1500. Deste Pôrto Seguro da Vossa Ilha da Vera Cruz. Todavia não creio haver escrito a Vossa Alteza, nem em 1500, nem em 1501, nem em 1502, nem em 1503, nem em 1504, nem em 1505, nem em 1506, nem em 1507, nem em 1508, nem em 1509, nem em 1510, nem em 1511, nem em 1512, nem em 1513, nem em 1514, nem em 1515, nem em 1516, nem em 1517, nem em 1518, nem em 1519, nem em 1520, nem em 1521, nem em 1522, nem em 1523, nem em 1524, nem em 1525, nem em 1526, nem em 1527, nem em 1528, nem em 1529, nem em 1530, nem em 1531, nem em 1532, nem em 1533, nem em 1534, nem em 1535, nem em 1536, nem em 1537, nem em 1538, nem em 1539, nem em 1540, nem em 1541, nem em 1542, nem em 1543, nem em 1544, nem em 1545, nem em 1546, nem em 1547, nem em 1548, nem em 1549, nem em 1550, nem em 1551, nem em 1552, nem em 1553, nem em 1554, nem em 1555, nem em 1556, nem em 1557, nem em 1558, nem em 1559, nem em 1560, nem em 1561, nem em 1562, nem em 1563, nem em 1564, nem em 1565, nem em 1566, nem em 1567, nem em 1568, nem em 1569, nem em 1570, nem em 1571, nem em 1572, nem em 1573, nem em 1574, nem em 1575, nem em 1576, nem em 1577, nem em 1578, nem em 1579, nem em 1580, nem em 1581, nem em 1582, nem em 1583, nem em 1584, nem em 1585, nem em 1586, nem em 1587, nem em 1588, nem em 1589, nem em 1590, nem em 1591, nem em 1592, nem em 1593, nem em 1594, nem em 1595, nem em 1596, nem em 1597, nem em 1598, nem em 1599, nem em 1600, nem em 1601, nem em 1602, nem em 1603, nem em 1604, nem em 1605, nem em 1606, nem em 1607, nem em 1608, nem em 1609, nem em 1610, nem em 1611, nem em 1612, nem em 1613, nem em 1614, nem em 1615, nem em 1616, nem em 1617, nem em 1618, nem em 1619, nem em 1620, nem em 1621, nem em 1622, nem em 1623, nem em 1624, nem em 1625, nem em 1626, nem em 1627, nem em 1628, nem em 1629, nem em 1630, nem em 1631, nem em 1632, nem em 1633, nem em 1634, nem em 1635, nem em 1636, nem em 1637, nem em 1638, nem em 1639, nem em 1640, nem em 1641, nem em 1642, nem em 1643, nem em 1644, nem em 1645, nem em 1646, nem em 1647, nem em 1648, nem em 1649, nem em 1650, nem em 1651, nem em 1652, nem em 1653, nem em 1654, nem em 1655, nem em 1656, nem em 1657, nem em 1658, nem em 1659, nem em 1660, nem em 1661, nem em 1662, nem em 1663, nem em 1664, nem em 1665, nem em 1666, nem em 1667, nem em 1668, nem em 1669, nem em 1670, nem em 1671, nem em 1672, nem em 1673, nem em 1674, nem em 1675, nem em 1676, nem em 1677, nem em 1678, nem em 1679, nem em 1680, nem em 1681, nem em 1682, nem em 1683, nem em 1684, nem em 1685, nem em 1686, nem em 1687, nem em 1688, nem em 1689, nem em 1690, nem em 1691, nem em 1692, nem em 1693, nem em 1694, nem em 1695, nem em 1696, nem em 1697, nem em 1698, nem em 1699, nem em 1700, nem em 1701, nem em 1702, nem em 1703, nem em 1704, nem em 1705, nem em 1706, nem em 1707, nem em 1708, nem em 1709, nem em 1710, nem em 1711, nem em 1712, nem em 1713, nem em 1714, nem em 1715, nem em 1716, nem em 1717, nem em 1718, nem em 1719, nem em 1720, nem em 1721, nem em 1722, nem em 1723, nem em 1724, nem em 1725, nem em 1726, nem em 1727, nem em 1728, nem em 1729, nem em 1730, nem em 1731, nem em 1732, nem em 1733, nem em 1734, nem em 1735, nem em 1736, nem em 1737, nem em 1738, nem em 1739, nem em 1740, nem em 1741, nem em 1742, nem em 1743, nem em 1744, nem em 1745, nem em 1746, nem em 1747, nem em 1748, nem em 1749, nem em 1750, nem em 1751, nem em 1752, nem em 1753, nem em 1754, nem em 1755, nem em 1756, nem em 1757, nem em 1758, nem em 1759, nem em 1760, nem em 1761, nem em 1762, nem em 1763, nem em 1764, nem em 1765, nem em 1766, nem em 1767, nem em 1768, nem em 1769, nem em 1770, nem em 1771, nem em 1772, nem em 1773, nem em 1774, nem em 1775, nem em 1776, nem em 1777, nem em 1778, nem em 1779, nem em 1780, nem em 1781, nem em 1782, nem em 1783, nem em 1784, nem em 1785, nem em 1786, nem em 1787, nem em 1788, nem em 1789, nem em 1790, nem em 1791, nem em 1792, nem em 1793, nem em 1794, nem em 1795, nem em 1796, nem em 1797, nem em 1798, nem em 1799, nem em 1800, nem em 1801, nem em 1802, nem em 1803, nem em 1804, nem em 1805, nem em 1806, nem em 1807, nem em 1808, nem em 1809, nem em 1810, nem em 1811, nem em 1812, nem em 1813, nem em 1814, nem em 1815, nem em 1816, nem em 1817, nem em 1818, nem em 1819, nem em 1820, nem em 1821, nem em 1822, nem em 1823, nem em 1824, nem em 1825, nem em 1826, nem em 1827, nem em 1828, nem em 1829, nem em 1830, nem em 1831, nem em 1832, nem em 1833, nem em 1834, nem em 1835, nem em 1836, nem em 1837, nem em 1838, nem em 1839, nem em 1840, nem em 1841, nem em 1842, nem em 1843, nem em 1844, nem em 1845, nem em 1846, nem em 1847, nem em 1848, nem em 1849, nem em 1850, nem em 1851, nem em 1852, nem em 1853, nem em 1854, nem em 1855, nem em 1856, nem em 1857, nem em 1858, nem em 1859, nem em 1860, nem em 1861, nem em 1862, nem em 1863, nem em 1864, nem em 1865, nem em 1866, nem em 1867, nem em 1868, nem em 1869, nem em 1870, nem em 1871, nem em 1872, nem em 1873, nem em 1874, nem em 1875, nem em 1876, nem em 1877, nem em 1878, nem em 1879, nem em 1880, nem em 1881, nem em 1882, nem em 1883, nem em 1884, nem em 1885, nem em 1886, nem em 1887, nem em 1888, nem em 1889, nem em 1890, nem em 1891, nem em 1892, nem em 1893, nem em 1894, nem em 1895, nem em 1896, nem em 1897, nem em 1898, nem em 1899, nem em 1900, nem em 1901, nem em 1902, nem em 1903, nem em 1904, nem em 1905, nem em 1906, nem em 1907, nem em 1908, nem em 1909, nem em 1910, nem em 1911, nem em 1912, nem em 1913, nem em 1914, nem em 1915, nem em 1916, nem em 1917, nem em 1918, nem em 1919, nem em 1920, nem em 1921, nem em 1922, nem em 1923, nem em 1924, nem em 1925, nem em 1926, nem em 1927, nem em 1928, nem em 1929, nem em 1930, nem em 1931, nem em 1932, nem em 1933, nem em 1934, nem em 1935, nem em 1936, nem em 1937, nem em 1938, nem em 1939, nem em 1940, nem em 1941, nem em 1942, nem em 1943, nem em 1944, nem em 1945, nem em 1946, nem em 1947, nem em 1948, nem em 1949, nem em 1950, nem em 1951, nem em 1952, nem em 1953, nem em 1954, nem em 1955, nem em 1956, nem em 1957, nem em 1958, nem em 1959, nem em 1960, nem em 1961, nem em 1962, nem em 1963, nem em 1964, nem em 1965, nem em 1966, nem em 1967, nem em 1968, nem em 1969, nem em 1970, nem em 1971, nem em 1972, nem em 1973, nem em 1974, nem em 1975, nem em 1976, nem em 1977, nem em 1978, nem em 1979, nem em 1980, nem em 1981, nem em 1982, nem em 1983, nem em 1984, nem em 1985, nem em 1986, nem em 1987, nem em 1988, nem em 1989, nem em 1990, nem em 1991, nem em 1992, nem em 1993, nem em 1994, nem em 1995, nem em 1996, nem em 1997, nem em 1998, nem em 1999, nem em 2000, nem em 2001, nem em 2002, nem em 2003, nem em 2004, nem em 2005, nem em 2006, nem em 2007, nem em 2008, nem em 2009, nem em 2010, nem em 2011, nem em 2012, nem em 2013, nem em 2014, nem em 2015, nem em 2016, nem em 2017, nem em 2018, nem em 2019, nem em 2020, nem em 2021, nem em 2022, nem em 2023, nem em 2024, nem em 2025, nem em 2026, nem em 2027, nem em 2028, nem em 2029, nem em 2030, nem em 2031, nem em 2032, nem em 2033, nem em 2034, nem em 2035, nem em 2036, nem em 2037, nem em 2038, nem em 2039, nem em 2040, nem em 2041, nem em 2042, nem em 2043, nem em 2044, nem em 2045, nem em 2046, nem em 2047, nem em 2048, nem em 2049, nem em 2050, nem em 2051, nem em 2052, nem em 2053, nem em 2054, nem em 2055, nem em 2056, nem em 2057, nem em 2058, nem em 2059, nem em 2060, nem em 2061, nem em 2062, nem em 2063, nem em 2064, nem em 2065, nem em 2066, nem em 2067, nem em 2068, nem em 2069, nem em 2070, nem em 2071, nem em 2072, nem em 2073, nem em 2074, nem em 2075, nem em 2076, nem em 2077, nem em 2078, nem em 2079, nem em 2080, nem em 2081, nem em 2082, nem em 2083, nem em 2084, nem em 2085, nem em 2086, nem em 2087, nem em 2088, nem em 2089, nem em 2090, nem em 2091, nem em 2092, nem em 2093, nem em 2094, nem em 2095, nem em 2096, nem em 2097, nem em 2098, nem em 2099, nem em 2100, nem em 2101, nem em 2102, nem em 2103, nem em 2104, nem em 2105, nem em 2106, nem em 2107, nem em 2108, nem em 2109, nem em 2110, nem em 2111, nem em 2112, nem em 2113, nem em 2114, nem em 2115, nem em 2116, nem em 2117, nem em 2118, nem em 2119, nem em 2120, nem em 2121, nem em 2122, nem em 2123, nem em 2124, nem em 2125, nem em 2126, nem em 2127, nem em 2128, nem em 2129, nem em 2130, nem em 2131, nem em 2132, nem em 2133, nem em 2134, nem em 2135, nem em 2136, nem em 2137, nem em 2138, nem em 2139, nem em 2140, nem em 2141, nem em 2142, nem em 2143, nem em 2144, nem em 2145, nem em 2146, nem em 2147, nem em 2148, nem em 2149, nem em 2150, nem em 2151, nem em 2152, nem em 2153, nem em 2154, nem em 2155, nem em 2156, nem em 2157, nem em 2158, nem em 2159, nem em 2160, nem em 2161, nem em 2162, nem em 2163, nem em 2164, nem em 2165, nem em 2166, nem em 2167, nem em 2168, nem em 2169, nem em 2170, nem em 2171, nem em 2172, nem em 2173, nem em 2174, nem em 2175, nem em 2176, nem em 2177, nem em 2178, nem em 2179, nem em 2180, nem em 2181, nem em 2182, nem em 2183, nem em 2184, nem em 2185, nem em 2186, nem em 2187, nem em 2188, nem em 2189, nem em 2190, nem em 2191, nem em 2192, nem em 2193, nem em 2194, nem em 2195, nem em 2196, nem em 2197, nem em 2198, nem em 2199, nem em 2200, nem em 2201, nem em 2202, nem em 2203, nem em 2204, nem em 2205, nem em 2206, nem em 2207, nem em 2208, nem em 2209, nem em 2210, nem em 2211, nem em 2212, nem em 2213, nem em 2214, nem em 2215, nem em 2216, nem em 2217, nem em 2218, nem em 2219, nem em 2220, nem em 2221, nem em 2222, nem em 2223, nem em 2224, nem em 2225, nem em 2226, nem em 2227, nem em 2228, nem em 2229, nem em 2230, nem em 2231, nem em 2232, nem em 2233, nem em 2234, nem em 2235, nem em 2236, nem em 2237, nem em 2238, nem em 2239, nem em 2240, nem em 2241, nem em 2242, nem em 2243, nem em 2244, nem em 2245, nem em 2246, nem em 2247, nem em 2248, nem em 2249, nem em 2250, nem em 2251, nem em 2252, nem em 2253, nem em 2254, nem em 2255, nem em 2256, nem em 2257, nem em 2258, nem em 2259, nem em 2260, nem em 2261, nem em 2262, nem em 2263, nem em 2264, nem em 2265, nem em 2266, nem em 2267, nem em 2268, nem em 2269, nem em 2270, nem em 2271, nem em 2272, nem em 2273, nem em 2274, nem em 2275, nem em 2276, nem em 2277, nem em 2278, nem em 2279, nem em 2280, nem em 2281, nem em 2282, nem em 2283, nem em 2284, nem em 2285, nem em 2286, nem em 2287, nem em 2288, nem em 2289, nem em 2290, nem em 2291, nem em 2292, nem em 2293, nem em 2294, nem em 2295, nem em 2296, nem em 2297, nem em 2298, nem em 2299, nem em 2300, nem em 2301, nem em 2302, nem em 2303, nem em 2304, nem em 2305, nem em 2306, nem em 2307, nem em 2308, nem em 2309, nem em 2310, nem em 2311, nem em 2312, nem em 2313, nem em 2314, nem em 2315, nem em 2316, nem em 2317, nem em 2318, nem em 2319, nem em 2320, nem em 2321, nem em 2322, nem em 2323, nem em 2324, nem em 2325, nem em 2326, nem em 2327, nem em 2328, nem em 2329, nem em 2330, nem em 2331, nem em 2332, nem em 2333, nem em 2334, nem em 2335, nem em 2336, nem em 2337, nem em 2338, nem em 2339, nem em 2340, nem em 2341, nem em 2342, nem em 2343, nem em 2344, nem em 2345, nem em 2346, nem em 2347, nem em 2348, nem em 2349, nem em 2350, nem em 2351, nem em 2352, nem em 2353, nem em 2354, nem em 2355, nem em 2356, nem em 2357, nem em 2358, nem em 2359, nem em 2360, nem em 2361, nem em 2362, nem em 2363, nem em 2364, nem em 2365, nem em 2366, nem em 2367, nem em 2368, nem em 2369, nem em 2370, nem em 2371, nem em 2372, nem em 2373, nem em 2374, nem em 2375, nem em 2376, nem em 2377, nem em 2378, nem em 2379, nem em 2380, nem em 2381, nem em 2382, nem em 2383, nem em 2384, nem em 2385, nem em 2386, nem em 2387, nem em 2388, nem em 2389, nem em 2390, nem em 2391, nem em 2392, nem em 2393, nem em 2394, nem em 2395, nem em 2396, nem em 2397, nem em 2398, nem em 2399, nem em 2400, nem em 2401, nem em 2402, nem em 2403, nem em 2404, nem em 2405, nem em 2406, nem em 2407, nem em 2408, nem em 2409, nem em 2410, nem em 2411, nem em 2412, nem em 2413, nem em 2414, nem em 2415, nem em 2416, nem em 2417, nem em 2418, nem em 2419, nem em 2420, nem em 2421, nem em 2422, nem em 2423, nem em 2424, nem em 2425, nem em 2426, nem em 2427, nem em 2428, nem em 2429, nem em 2430, nem em 2431, nem em 2432, nem em 2433, nem em 2434, nem em 2435, nem em 2436, nem em 2437, nem em 2438, nem em 2439, nem em 2440, nem em 2441, nem em 2442, nem em 2443, nem em 2444, nem em 2445, nem em 2446, nem em 2447, nem em 2448, nem em 2449, nem em 2450, nem em 2451, nem em 2452, nem em 2453, nem em 2454, nem em 2455, nem em 2456, nem em 2457, nem em 2458, nem em 2459, nem em 2460, nem em 2461, nem em 2462, nem em 2463, nem em 2464, nem em 2465, nem em 2466, nem em 2467, nem em 2468, nem em 2469, nem em 2470, nem em 2471, nem em 2472, nem em 2473, nem em 2474, nem em 2475, nem em 2476, nem em 2477, nem em 2478, nem em 2479, nem em 2480, nem em 2481, nem em 2482, nem em 2483, nem em 2484, nem em 2485, nem em 2486, nem em 2487, nem em 2488, nem em 2489, nem em 2490, nem em 2491, nem em 2492, nem em 2493, nem em 2494, nem em 2495, nem em 2496, nem em 2497, nem em 2498, nem em 2499, nem em 2500, nem em 2501, nem em 2502, nem em 2503, nem em 2504, nem em 2505, nem em 2506, nem em 2507, nem em 2508, nem em 2509, nem em 2510, nem em 2511, nem em 2512, nem em 2513, nem em 2514, nem em 2515, nem em 2516, nem em 2517, nem em 2518, nem em 2519, nem em 2520, nem em 2521, nem em 2522, nem em 2523, nem em 2524, nem em 2525, nem em 2526, nem em 2527, nem em 2528, nem em 2529, nem em 2530, nem em 2531, nem em 2532, nem em 2533, nem em 2534, nem em 2535, nem em 2536, nem em 2537, nem em 2538, nem em 2539, nem em 2540, nem em 2541, nem em 2542, nem em 2543, nem em 2544, nem em 2545, nem em 2546, nem em 2547, nem em 2548, nem em 2549, nem em 2550, nem em 2551, nem em 2552, nem em 2553, nem em 2554, nem em 2555, nem em 2556, nem em 2557, nem em 2558, nem em 2559, nem em 2560, nem em 2561, nem em 2562, nem em 2563, nem em 2564, nem em 2565, nem em 2566, nem em 2567, nem em 2568, nem em 2569, nem em 2570, nem em 2571, nem em 2572, nem em 2573, nem em 2574, nem em 2575, nem em 2576, nem em 2577, nem em 2578, nem em 2579, nem em 2580, nem em 2581, nem em 2582, nem em 2583, nem em 2584, nem em 2585, nem em 2586, nem em 2587, nem em 2588, nem em 2589, nem em 2590, nem em 2591, nem em 2592, nem em 2593, nem em 2594, nem em 2595, nem em 2596, nem em 2597, nem em 2598, nem em 2599, nem em 2600, nem em 2601, nem em 2602, nem em 2603, nem em 2604, nem em 2605, nem em 2606, nem em 2607, nem em 2608, nem em 2609, nem em 2610, nem em 2611, nem em 2612, nem em 2613, nem em 2614, nem em 2615, nem em 2616, nem em 2617, nem em 2618, nem em 2619, nem em 2620, nem em 2621, nem em 2622, nem em 2623, nem em 2624, nem em 2625, nem em 2626, nem em 2627, nem em 2628, nem em 2629, nem em 2630, nem em 2631, nem em 2632, nem em 2633, nem em 2634, nem em 2635, nem em 2636, nem em 2637, nem em 2638, nem em 2639, nem em 2640, nem em 2641, nem em 2642, nem em 2643, nem em 2644, nem em 2645, nem em 2646, nem em 2647, nem em 2648, nem em 2649, nem em

# NOTAS À CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

com algibeira aljaveira (não me igualmente do círculo árabe), do belas que, quando destinadas a mulhères, abravam belas vozes bordadas de pétulas (semelhantes a alforrias, avelorios, mampangas) numas raras vezes do alforio.

(12) Por anexo de meia — Azo (casalho), enxoval, cauda, vêm do francês *casseau* (int. adiaceias, espécie de leito, de recelo que circundava uma cidadela, um castelo).

(13) E non lhe aprobueis, queram.

— Afonso Lopez não conseguiu apoderar-se dos arcos e das pessas dos indígenas que estavam em terra. Provarrela. Mas como lhe subistiu naturalmente vez das, também apoderou quase sem lutar. Eles não fizeram uso das armas, das setas para o sagrado recinto ao acto de prepotência dos portugueses — unico, de resto, que perpetravam na terra nova, e logo amaram, com boa diplomacia, recebendo os daltos captados. Pedro Vaz evita os termos *preto* e *praticante* — Empreia exultantemente hospede; quanto a herói só o apelido tomar. Regista cuidadosamente as pessas que lhes foram dadas, em troca dos arcos e sombreiros, que entregaram.

(14) Senhos: Tratam ambos os beijos de baixo furados e metidos por elas senhos oses doce; Retirando-se apensas nos doce hondos, e canhudos penas nos muios que já viu e de que cada um tinha o belo fumante — Senhos, por assim dizer, sanguíneos. Eles usavam adjectivo distritativo (um a cada um) deveria respeitando na linguagem moderna. Na carta aparece a muiude (senhos, coxins, senhas, canhudos, senhos bordos, senhos escaravéis, senhos campainhas, etc.).

(15) Salapa, troçal, costão. — Todo o descriptivo do corte dos cabaleiros naturais dos Indios, e da cabaleira postica de pésas de ave que alguma galante usavam por ex夥io, não aciu tam clara da pena de Pedro Vaz com a descriptiva de Chocque, que deram o nome de Botocudos, as tribus indígenas dos Aymorés. Assim, a tornar compreensivel o tempo de inverter a ordem e de completar o sentido de algumas pessas adverbiais do tratado. As que mais me intrigaram são relativas à colocação da cabaleira, por baixo da salapa de fronte à cinta para «trás» e no fim a observar que nem faltava mangas malas largas para a cabaleira.

As explicações de João Ribeiro não são bastante elucidativas: não me contenta a menina como põem tuas o erário relativa à confecção das mangas, nem tam posco a conjectura sobre salapa («como exprimindo o corte ou tonque por baixo da cabaleira») ou «cinta sem pelo o resto do cravo», em O Faberino, pag. 249 e 258 (Cristina de varia assinatura).

Ela como tecnicista, liga (relacionada com liga) e o francês *lapin* (salapa) hoje em uso apesar como sinônimo de escapaçá: a farto, por meio de artimanhas) desculpam revas e escavações. Na parte superior do corpo humano há, além das convoluções nas faces e no queixo, próprias de caras begeitas, infantis ou femininas, apesar das duas na parte dianteira do peccoco a convilha do dentado, na parte de trás, mais ou a da nuca, que tam tanta funda é também uma das belas da plástica mulheril. Pela baixa destra — que deve ser a salapa (embora o termo não esteja recetado com essa acepção) em charlozes arcaicos e populares, claro que não pode esquecer, apesar p. d. terminar um cabaleiro que sobre as orelhas e o tóutico e passa de um corte em altura.

Tendo recorrido a boas fontes literárias e estudo representações gráficas dos indígenas da América do Sul, cheguei-me do modo seguinte ao aspecto das cabecas que Faria lhe disse:

O cabelo natural, escuro, liso e corredio, está separado, da testa até o curvito, mas não tam tanto como nem, se o toquinhos se forento. Clípido à pente, não erguido, como é de costume nos tipos. (Cfr. Brockhaus, *Encyclopédie*, Tafel XVI N.º 3. e XVII, 14 e 15, a comparar com XVI, 1). Raspada está em parte circuncisa a parte de trás, o occiput ou tóutico com o crachão, e como continuação a parte encina a orehas.

Testejo, hoje testojo, deriva de *testojo*, pronuncia infantil de *capita*, derivado de *caput*, e designa a cabeça intencional (p. ex. *tentinghão*), era a parte do tronco.

Touquier, com os sustentantes arcaicos *trouquier*, é derivado de *testojo* de terra, férrea intensidade, lindo de testojo, que também non deu tesouro. (Tunisia). Equivale portanto a *testejo*: ou é composto desse particípio e do *casquill* (do germânico *skerw* schieren) que rimabito em castelhano.

Mas deixando etimologias, con-

tinuemos com a etnografia. Ju-  
p. Tui que por tradição, jul-  
gando-se tal nariz, uns cabecil-  
la de cér, colo, nos cabos na-  
turais por meio de uma pomada  
redonda, de marro, almíndega al-  
mengada, branca, como cera, mas  
nem tanto leio eu. E suponho que  
a pomada no alto da cabeca onde  
os cabecil se aram no bon grande-  
ro, nem podia ter o tamboio in-  
dicado de um coto (rubia ou

deis malmo), chout e grana defen-  
tines, confundido como coto, de-  
cato, valhacato). Além disso na  
própria cabecila, muitas das pes-  
sas eram de madeira, rachadas, rachadas  
nas seções de cun-  
hamento rachamento igual, ca-  
da pena estava calada a pena inme-  
diata, do sortiu que juntas consti-  
tuiam uma espécie de punha (como  
nas grandes cabecilas Luis XIII e  
XIV). Por isso não era preciso  
descalçá-las para meter de lavagens,  
quando essa gente limpava e hou-  
cunda, seguindo as instruções de  
cada dia, e necessitando ou  
o dia de rachar com aquela  
quele semi-circular rapado da ca-  
beira. Levava apena a cabecila  
retratando-a sobre o coporão.

Torna scholucionado o enigma? O  
leitor que o diga.

(16) Tam malaves — Plenário adverbial, composto de tamo e  
malaves latinos *tam-male-vis* (ou  
*ad-vis*); avés um custo, arreco, e  
tamo male vice, embora a grana  
tamo malaves e tamalaves com  
não seja raro, visto que malo é  
não podia produzir malave, mas ver-  
melho, na boca do vulgo. Ela  
significa apena; malo: só de pas-  
sado, (ou ungulário) por acaso;

(17) Albarrado. Nome (árabe) de uma espécie de jorro para in-  
frescar agua.

(18) Coxim (do prov. cívis, fr.  
colosse, cuja proximidade quer de-  
cox, que é de coticim) é hole  
comum (prosternente): almoçadim,  
reco de rosto.

(19) Braga, que no plural de-  
nominava calças curtas, e seu origi-  
nário a uma sfera extensa de diri-  
vadina (como desabrigado) e pro-  
víncias populares (como não se  
pensava tratar a bregas ensuadas)  
é equivalente no singular a *brilhia*  
(*brilia*), designado a parte do cor-  
po humano que nhas encorou, ou  
seja as coxas.

(20) Zecim — Ira de ferme,  
cervo para as aves de caza e caza,  
em sentido figurado, engado ou  
chamarim...

(21) Aranhamas ali muitas dicas  
ou esay a maior parte que todos  
tratam aquelas bicas doss. Mancha  
incorrecta de dar expressão à ideia:  
muitos dos que ai endoviam...

mesmo a maior parte, ou quasi  
todos — tratam aquelas bicas de

(22) Nom unhamas unhamas  
vergona. — Retem osas portu-  
guases presentes. Mais natural me  
parece contudo que Pedro Vaz

quizesse dizer que as moças

avem não se pelavam de serem

vistas e admiradas. Nessas caso

unhamas seria lagos calados por

trinhão, conjectura que é de vez

que a unhamas é de bairros algar-  
zara.

(23) E sua vergonha (que sia

vergonha) — nem os poucos

gracioso e jocos da galveira, com

que Pedro Vaz teria fazer nunc-

to o seu sobrenome.

(24) A caxada de grava junta,  
Junta, pera fronteira deida. Mul-

heria, em seu primeiro período da

lurma, e vive ainda hoje no Ga-

bra, esan luogho adverbial deriva

de cara (rosto) o tinha natural-

mente a principio o sentido de

com a cara virada para — em di-  
reção a o que, segundo de terra,

tem nuns dos vários trechos em

que Pedro Vaz a utilizou.

(25) Esperado — ou separavel

(que estaria como diuidim os ca-

chinhos) tam a parte o significado

de pallo, sobreco, baldi-

quim, ou atres com alargamento

de sentido. Pavilhão, barraca, ca-

ramanchão. Em primeiro lugar a

fora o nome de ave de rapina

e de caça, igual ou semelhante ao

gavilão (*gavilas*). De origem grega

manique (*aparédo*, hóis, *espelhos*)

velho-nos de Príncipe quanto a su-  
loque do sentido e a mesma que que-  
bra de pampilho (herbolista de serra  
abertas) — *l. pavilhão*.

(26) Frei Antuque Soares, de  
Colombia, na *la Calecut* como gua-  
rindo de oito frades da ordem de S.  
Francisco, dos quais cinco pre-  
screveram no mesmo sentido que o  
que o Escrivio ao tempo de Pedro  
Frei Antuque, por se ter reci-  
bido a frota. Posteriormente na  
confusão de D. Manuel e Bento de  
Ceuta. (Gala. *Chronica I. Cap.*  
34 e 35. Cardoso. *Apologia II.*

(27) Frei Antuque Soares, de  
Colombia, na *la Calecut* como gua-  
rindo de oito frades da ordem de S.  
Francisco, dos quais cinco pre-  
screveram no mesmo sentido que o  
que o Escrivio ao tempo de Pedro  
Frei Antuque, por se ter reci-  
bido a frota. Posteriormente na  
confusão de D. Manuel e Bento de  
Ceuta. (Gala. *Chronica I. Cap.*  
34 e 35. Cardoso. *Apologia II.*

(28) A carta da escrivida da frota  
de Cabral é o primeira e um dos documentos mais impor-  
tantes da nossa história.

Conhecida a carta de Pedro  
Vaz Caminha já muito tarde,  
pela jazia manuscrita e pro-  
vavelmente so vulgarizada por  
uma cópia moderna a ela apen-  
sada; as versões que do inedito se  
lizaram foram sempre omissons  
ou desfiguradas, e em qualquer  
caso não ofereciam um texto  
seguro e de inteira confiança  
nos estudos.

Foi pois idéia excelente a do

Instituto Geográfico e Histórico

da Bahia na occasião do 4º cen-

tenário do descobrimento do

Brasil, fazendo a edição fac-

simile do manuscrito com as

leituras que a acompanham.

Reproduzindo aqui o texto di-

plomático foi nossa intenção ex-

pliá-lo com as anotações ne-

cessárias de modo a conservar

a fidelidade do texto e facilitar

a leitura sem desvirtuá-la por

uma versão do original.

A carta de Vaz Caminha di-

ante os progressos realizados

pelos estudos históricos nos últi-  
mos anos adquiriu nova im-

portância a certas luges com

que já agora podemos exami-

nar.

Esse problema importissi-  
mo, e nme se pode imaginar ou-  
tro mais importante ainda con-  
siderando fora da nossa história,

na mesma história do mundo,

foi resolvido principalmente pe-

la publicação do *Esmeraldo de*

*Sitn Orbis*. Lá se verá mais de

uma vez que o rei de Portugal

havia comido nos seus mari-

nhos a empresa de

extremo oeste.

Testejo, hoje testojo, deriva de

*testojo*, pronuncia infantil de

capita, derivado de *caput*, e desig-

na a cabeça intencional (p. ex.

*tentinghão*), era a parte do tron-

co. Tocinho, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

Touquier, com os sustentantes

arcaicos *trouquier*, é derivado de

testojo de terra, férrea intensi-

dade, lindo de testojo do

extremo oeste.

# CURSO DE JORNALISMO

No dia 3 de Maio passado, foi inaugurado, na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, o Curso de Jornalismo. Ofereceram, naquela ocasião, os Srs. Clemente Mariani, Ministro da Educação e Saúde, A. Carneiro Leão, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, José de Castro, professor da Escola, que leu a aula inaugural, e Inácio M. Alvezedo do Amaral, reitor da Universidade do Brasil.

Damos aqui a oração com que abriu a solenidade o Ministro Clemente Mariani:

## DISCURSO SOBRE A IMPRENSA

Clemente MARIANI

“Talvez eu, dizia Cavour, tenha em fui jornalista, do que me humo. E se não o houver sido, não me teria tornado político”.

No velho trincheira liberal do “Diário da Baía”, prestes a completar cem anos de existência e nas páginas amarelas de cujas colecções ainda me foi dado ler, nos numeros originais os antigos Ilustradores de Rui, lutando pela verdade editorial, pela concordância e pela honestidade, os de Leão Veloso, Rodolfo Dantas, Manuel Vitorino e Constantino Alves, que no seu lado elevaram o órgão provincial, segundo o testemunho de Nabuco, a mais alta expressão do opacianismo liberal da época, nas suas seções de palácio dos Pastéis, que parecia ainda frequentar estas sombras negrutas, e mais as do Conselheiro Dantas, de Augusto Guimarães, o amigo de Castro Alves, e de Severino Vieira e nas quais como que se percebia o céu da paixão, em mais recente de Antônio Leal, de Adalberto Pereira, de Americo Barreto, de Carlos Ribeiro, de Medeiros Neto e de tantos outros destados representantes da inteligência baiana também centralizada, no lado de companheiros que haja honram a Nação nas duas sessões do Congresso Nacional e em altos postos administrativos, a profissão de Rui, que, através lutas intermitentes, mas de um sentido único, me conduziu ao posto do qual me é grato abrir, com a instalação deste curso, novos e imprevisivelmente largos horizontes ao aperfeiçoamento técnico, moral e intelectual da imprensa brasileira.

“Nascida, por força de vicissitudes, como Hipólito, em país estrangeiro, o signo de independência política, que ali se cultiva, parece presidir desde as origens ao seu destino, embora com aspectos saturnianos de preponderância da imaginação sobre o raciocínio, num desequilíbrio emocional cuja instabilidade não raro se tornou responsável por traços, ainda bem que transírios, do próprio ideal que a alma e conduz. Nesses cento e quarenta anos de existência, que rei de vitórias já se pode, entretanto, enumerar no seu “currículum” impondo ideias avançadas a maiorias retrogradas, ou reivindicando o predomínio da vontade coletiva, ou das liberdades individuais, contra os abusos do poder: A Independência, Hipólito e Lédo; a Abdicação, Evaristo, na “Aurora Fluminense”; a verdade eleitoral e a concordância, Rui Barbosa; a abolição, com Rui, Nabuco e Patrocínio; a Federação, ainda com Rui; a República, com Quintino; a defesa da Constituição contra o usurpador, Rui Barbosa sempre, cuja pena dali por diante transformada em verbo, ainda conseguiu, por intermédio da imprensa, cujas colunas estão sempre abertas aos seus discursos e conferências, a representação necessária para transformar em idéias vivas as apostas cielopáticas que impõem a uma opinião majoritária, temerosa de atacar a verdade, o revisionismo constitucional, o cívismo, o novo conceito de neutralidade entre o direito e o crime. Mas já só com a morte de Heráclito, o seu espírito impregna de tal maneira a instituição, que, como em uma mal-

avilhosa sifonina, na qual apesar das repulsa, a cegueira, as ilusões mais altas do congo, a cargo de um instrumento distorcido, e toda ela quem automaticamente prepara o ambiente propício para a revolta, em 30, contra corrupção e a fraude, para a fartaude, em 41, nos ideais da liberdade e, não crescendo majestoso, em que se sentem todas as contradições do seu dispor, mas igualmente evitá-lo desequilíbrio entre os recursos materialistas com que conta e as inteligências encarregadas de utilizá-los. Até agora o jornalista tem sido o produtor de necessidades angustiantes, compreendendo irrepreensivelmente, amargas, amargas, e outras, à custa de inúmeras artifícias, das improvisações e das desordoadas experiências da formação humana. Admitamos que esse autodidactismo seja uma imposição da própria natureza da atividade jornalística, que exige acima de tudo, a indole e a vocação. Melhor será, contudo que essas predisposições hantam enfim caminho mais fácil, aprimorando-no estudo das técnicas e dos conhecimentos básicos à própria função de divulgar, discutir e orientar os complexos e graves problemas do nosso tempo.

A instalação deste curso cor-

responde ao reconhecimento dessa manifesta vantagem. Nem o compreendem a Associação Brasileira de Imprensa, que por séculos de há longa data se interessava, prestigia e a sua erudição e prontidão a colaborar para a sua maior eficiência. Nem a perceberam os jornalistas prolissimamente que a ele acreditaram em massa, duvidando o corpo discente da Faculdade de Filosofia e dando exemplo eloquente da curiosidade intelectual que os animava.

Constitui exemplo de governança, essa nobre vanguarda que buscou, na História da Inglaterra, ascendendo uma verdade sobre a qual hoje se baseia a atividade pacífica da UNESCO, considerar, por si só, bastante poderosa para elminar as maquinérias entre os povos e as causas virtuous das guerras, necessária a imprensa moderna, não apenas de apresentar-se materialmente, inclusive pelo uso do novo e prodigioso instrumento que a radiodifusão veio adicionar ao seu dispor, mas igualmente evitá-lo desequilíbrio entre os recursos materialistas com que conta e as inteligências encarregadas de utilizá-los. Até agora o jornalista tem sido o produtor de necessidades angustiantes, compreendendo irrepreensivelmente, amargas, amargas, e outras, à custa de inúmeras artifícias, das improvisações e das desordoadas experiências da formação humana. Admitamos que esse autodidactismo seja uma imposição da própria natureza da atividade jornalística, que exige acima de tudo, a indole e a vocação. Melhor será, contudo que essas predisposições hantam enfim caminho mais fácil, aprimorando-no estudo das técnicas e dos conhecimentos básicos à própria função de divulgar, discutir e orientar os complexos e graves problemas do nosso tempo.

Nunca a civilização e a cultura, nunca as nações que vivem no ideal de liberdade, nunca o Brasil precisou tanto da imprensa como agora, quando se trava em seu seio e em todo o mundo o combate entre as forças renascentes da oposição e as que impõem com pressa as conquistas inalcançáveis da liberdade. Escutando, informando, mantendo a vigilância, e aqui haurindo os elementos para melhor vos desempenhando, desempenhando, um papel vos está reservado, na luta contra o obscurantismo, que ameaça submergir as mais altas conquistas do cristianismo e da filosofia. Sede dignos deles e das tradições da imprensa brasileira, inspirando-os no exemplo das suas figuras estrelares. Tudo pela cultura, tudo pela verdade, pela justiça, pela liberdade e pela Pátria!

são dos acontecimentos quotidiano.

Não vos esqueçais, então, da sentença em que se enuncia tanto o tema da vossa profissão. “O jornalismo é um sacrifício”. Não vos esqueçais da frase de Rui Barbosa: “O dia da jornalista é, para o comum do povo, no mesmo tempo, um mestre de primeiras lições e um eretícrado de democracia em ação, um advogado e um censor, um famílio e um magistrado. Bebidas com o primeiro pão do dia, as suas lições penetram até ao fundo das consciências inquietas onde vão elaborar a moral unida os sentimentos e os imprimões, de que depende a sorte dos governos e das nações. Mais responsabilidade, pois não pode assumir um homem para consigo, para com o próximo, para com Deus”.

Nunca a civilização e a cultura, nunca as nações que vivem no ideal de liberdade, nunca o Brasil precisou tanto da imprensa como agora, quando se trava em seu seio e em todo o mundo o combate entre as forças renascentes da oposição e as que impõem com pressa as conquistas inalcançáveis da liberdade. Escutando, informando, mantendo a vigilância, e aqui haurindo os elementos para melhor vos desempenhando, desempenhando, um papel vos está reservado, na luta contra o obscurantismo, que ameaça submergir as mais altas conquistas do cristianismo e da filosofia. Sede dignos deles e das tradições da imprensa brasileira, inspirando-os no exemplo das suas figuras estrelares. Tudo pela cultura, tudo pela verdade, pela justiça, pela liberdade e pela Pátria!

## EDIÇÕES DA CARTA DE PERO VAS DE CÂMIMA

A primeira edição da *Carta de Pero Vas de Câmina a el-rei D. Manoel*, descrevendo a chegada ao Brasil, — Ségio Editorial da Companhia Nacional Editores — Lisboa — 1940. Esta incluída com 8 mais documentos na publicação intitulada: *O descobrimento do Brasil*.

— *Journal des Voyages*, de Verneur, 24 vols. Paris, 1818-1824. Traz a tradução da Carta feita para o francês por Fernández Denis (1821).

— *Le Brésil ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce Nouveau Monde*, de H. Taunay e F. Denis, Paris, 1822, 6 tomos.

Traz a tradução francesa da Carta, feita por F. Denis com o título: *Lettre de Pedro Vaz de Câmina sur la découverte du Brésil* (tomo 6).

— *Colégio de Notícias para a história e geografia das nações ultramarinas* — tomo IV, Lisboa, 1826. A Carta começa na página 177.

— *Feldner's Reisen durch Brasilien*, 1828, t. II. Traz a tradução da Carta para o alemão, devidamente alegada.

— *O Patriota Brasileiro*, no primeiro e último número que deu (Paris, 1830). Vem a Carta transcrita.

— *Memórias Políticas da Província da Bahia*, de Inácio Acioli de Cerequeira e Silva, 1835. Traz a Carta reproduzida (ps. 19-42).

— *Jornal de Timor*, de João Francisco Lisboa — 1853. Traz a primeira tradução portuguesa da Carta que se conhece.

— *Corografia histórica do Império do Brasil*, de Melo Moraes, t. 1º, 1858 (ps. 49-59).

— *Brasil Histórico*, de Melo Moraes, t. 1º, 2ª série, 1860 (ps. 57-63).

— *Biblioteca histórica do Bra-*

sil: produções de autores nacionais e estrangeiros desde o século XVI até o atual, colecionadas pelos Brs. Augusto César Miranda de Azevedo, Antônio Mendes Lameiro, José Ricardo Pires de Almeida, com anotações de colaboradores brasileiros. Tip. Caricó, Rio, 1876. Traz a Carta precedida de uma Notícia sobre Pero Vas de Câmina, redigida por Antônio Mendes Lameiro.

— *Carta de Pero Vaz de Câmina a el-rei D. Manoel* dando-lhe notícia do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Alarcos Cárdenas. Traz a tradução francesa da Carta, feita por F. Denis com o título: *Lettre de Pedro Vaz de Câmina sur la découverte du Brésil* (tomo 6).

— *Carta de Pero Vaz de Câmina a el-rei D. Manoel*, descrevendo a chegada ao Brasil. — Ségio Editorial da Companhia Nacional Editores — Lisboa — 1940. Esta incluída com 8 mais documentos na publicação intitulada: *O descobrimento do Brasil*.

— *O descobrimento do Brasil* — narrativa de um marinheiro. Edição popular comemorativa do 4º centenário do descobrimento do Brasil — Empresa Octávio — Lisboa — S.D. (1940).

— *A Carta de Pero Vaz de Câmina* vai da página 31 à página 80 e traz uma tradução de Esteves Pereira.

— *Pero Vaz de Câmina, primeiro cronista do Brasil* — Estudo de A. P. Pereira da Costa — Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano — 1900.

Traz um texto atualizado da Carta, e numerosas notas em apêndice.

— *Descobrimento do Brasil pelos Portugueses*, de Chaves de Abreu, 1900. Ocorre-lhe uma versão liberdiana, com comentários.

— *Fabordão*, de João Ribeiro.

— Rio — 1910.

— *Um estudo sobre a Carta e a reprodução do documento*. Jaime Cortésio diz que este trabalho é o primeiro e até hoje mais sólido estudo filológico da Carta.

— *História da Colonização Portuguesa do Brasil* — 1933.

Traz a Versão em linguagem atual da Carta, acompanhada de notas filológicas da autoria de Carolina Micaeli, e um estudo, *A Semana de Vera Cruz*, de C. Micaeli Díaz.

— *The voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India*, de William Brooks Greenlee. (Cont. na 11ª pág.)

# ETICA, HISTORIA E LEGISLAÇÃO JORNALISTICA

**PRIMEIRO PONTO** — A MORAL, CONCRETO E IMPORTÂNCIA DA MORAL. A CONSCIENCIA MORAL.

A Moral é a parte da Filosofia que estuda os deveres do homem; pode ser especulativa ou prática. A moral especulativa trata das regras de conduta em si mesmas; a moral prática — a ética — estuda essas regras nas suas aplicações aos usos e costumes dos indivíduos.

2º A Moral a parte mais alta e desinteressada dos conhecimentos humanos: acima dela só se encontra a Teologia, a ciência das relações do homem com Deus. Como o terreno desta última é a própria religião do infeliz, pois por maior que seja o número dos séculos que passem, o homem nunca poderá saber se são verdadeiras ou falsas as ideias que nutre grávea da Divindade — podemos dizer que entre todas as ciências humanas a que se encontra mais altamente colocada, a que forma como que o corvoamento, a cúpula de todas, é a Moral. Vede para que trabalham todas elas. Para que se esfogam as ciências da abstração, as ciências da estatística? Para que se esfogam as matemáticas e a lógica? Qual o fim da psicologia, o fim da química, o fim da física, o da sociologia, o da história, o do direito? Todas essas ciências que é que fazem sentido visar ao homem, dirigir-se a ele, estudo na sua formação, na sua evolução, no seu agrupamento, na sua constituição orgânica, no seu espírito, no seu poder de criação, de razão, de justiça e de beleza? E sejam-nos licito perguntar, uma vez que cada coisa há de ter sua razão de ser: para que isso? Para tornar o homem melhor, para permitir que, nessa atermentada hora da vida na terra, venha ele a encontrar condições menos ásperas, mais amenaças, do que aquelas que a Mãe Natureza, com tanta e tão cruel indiferença, trazou.

#### O ATRAZO DA MORAL

É natural que, sendo a mais espiritual das ciências, a Moral seja a mais atrasada delas. Se traçássemos um diagrama apropriado, verificariamos que cada ciência se desenvolve no sentido inverso à delineadeza e à espiritualidade dos assuntos de que trata. Quanto mais material é o campo de uma ciência, mais esta progredie; quanto mais delicado é aquele campo, mais estacionária é a ciência. Os progressos da mecânica, da química e da física têm sido, nos últimos tempos, vertiginosos. Os mais absurdos sonhos dos alquimistas e dos nômadas têm-se realizado no terreno científico. A televisão tornou-se uma realidade, tornou-se uma realidade o avião dotado de rapidez do som, tornou-se uma realidade o radar, a desintegração do átomo. Em comparação com esse desenvolvimento operado nas ciências mecânicas, as ciências jurídicas permanecem no que eram no tempo de Hugo Grotius ou de Montesquieu. E no terreno da biologia que podemos achar, em sua mais clara evidência, a demonstração do diagrama que eu imaginava há pouco. A cirurgia, ramo científico puramente material, é sem dúvida a parte mais avançada do currículo médico. Ao lado dela, os ramos puramente espirituais continuam ainda a tatear, num terreno de hipótese, muita vez de iniciais investigações.

Não é de esperar que a Moral, a mais delicada e mais alta das regiões da ciência, se mostre tão lenta em seu evolver. E' de qualquer maneira uma consideração tristíssima, apita quase a nos fazer descer do futuro do homem, a de que o supremo momento da moral humana sou já há vinte séculos. Foi, com efeito, nos ensinamentos de Jesus que o ho-

mem teve o mais perfeito exemplo do modelo de sua moral... *Ama o teu Deus sobre todas as coisas... Ama o teu próximo como a ti mesmo... Perdão os teus inimigos.*

Vinte mil anos passaram, e nenhum sábio, nem um filósofo, pode propor concepção que ombreasse com essa, pode enunciar palavras comparáveis a essas. Vivemos hoje — nós, os contemporâneos da orgulhosa era atómica — ainda aspirando a nos podermos nortear pelos conselhos da humilde carpinteiro da Galileia.

E o pior é que o atraso não se verifica apenas no terreno da moral abstrata ou especulativa dos filósofos. Verifica-se, também, e principalmente, no terreno da moral prática, no campo das relações do homem com os outros homens. E' difícil imaginar um momento da história em que o homem tenha ouvido mestre tanto a ruidosa dos seus instintos, a brutalidade e a truculência da sua amoralidade, quanto ouviu falar o homem do século XX. E' uma permanente humilhação para o nosso espírito, sabermos que fomos contemporâneos dos campos de concentração da Alemanha e da Itália, nos quais legiões de desgraçados foram transformados em cobaias, para inúmeras experiências científicas. E' uma permanente humilhação para o nosso espírito, sabermos que fomos testemunhas de fatos reveladores de inenarrável desumanidade como a destruição de Hiroshima, como o aniquilamento de Hiroshima pela bomba atómica.

Dante de cada fato dessa natureza nossa alma se arrepiou, horrorizada. E ficamos sem saber o que é que o homem — o homem contemporâneo, de qualquer qualificação que ele seja, pertence a que raça pertence — fez do seu coração, do seu espírito, de sua alma.

#### REFLEXO DE RENAN. REFLEXO DE SPENCER

A essa trágica interrogação, que inconscientemente formula o nosso espírito, podem dar resposta uma reflexão de Renan e uma reflexão de Spencer.

Meditando sobre a existência de Deus — do Deus que tanto amou e cujos mistérios com tanta emoção procurou sondar — Renan chegou a uma conclusão que não deixa de ser confortadora. Deus pode ser que não exista (meditação dele); mas já se acha em formação na alma dos homens bons.

Quanto a Spencer, ele nos aconselha que esperemos a melhoria dos sentimentos humanos da evolução fatal das colinas. Para a sua filosofia, nesse ponto batinhado de esperança, o progresso moral da humanidade será uma decorrência da evolução cósmica; assim como o Cosmos evolui assim evolui a Moral. Portanto, sem o saber, talvez sem o querer, o homem está destinado a um infeliz aperfeiçoamento.

E' mais ou menos o prenúncio de uma ideia de ouro, o que antevê o filósofo britânico. E a expectativa de sua meditação — de seu sonho de rabil e de poeta — é sem dúvida inavilhosa.

Mas para quando será esse aperfeiçoamento, mestre Spencer? temos não vontade de perguntar. E a única resposta que podemos receber é a inflexível nudez de todas as colinas.

#### \* CONSCIENCIA MORAL

Concordo eu com Renan e com Spencer, uma coisa sómos forçados a reconhecer: a existência daquela fatal do nosso espírito, a que os moralistas chamam a consciência moral. Essa existe, manifesta-se de muitas maneiras — na unanimidade das apreciações e dos julgamentos, no desinteresse com que o homem realiza os seus atos, no conceito, na valorização que as coletividades sahem ter para aquelas que

**Prof. MÚCIO LEÃO**

representaram um momento de abnegação, de altruismo ou de superioridade espiritual. Os imperativos da consciência moral são irrevergíveis e absolutos. E sempre a cada um de nós deixa-l-o ser cada vez mais claro, cada vez mais exatos, em quanto for lúrito.

De que os imperativos da consciência moral são irrevergíveis, e absolutos, temos a nítida demonstração naquela conto em que *Eça de Queiroz* narrou a história do mandarim. A filosofia do século XVII ou XVI, ou talvez a filosofia anterior, propunha um problema psicológico: se souberes que, nos confins da China, numa província cujo nome ignoras, existe um mandarim fabulosamente rico, cuja vida depende apenas de tocar uma campainha; se souberes que ao tocar essa campainha o mandarim morrerá e tu te tornarias o seu único herdeiro; tocarias, acaso, esse assassinato? Cometeu-n-o Tiodoro, o personagem de *Eça de Queiroz*. Tornou-se, desde logo, o homem mais incrivelmente rico de sua terra. Tinha os poderosos aos seus pés. As mais formosas mulheres provinham seduzi-lo, aspiravam a ser por ele possuídas. Era senhor de castelos e de palácios. E com tudo isso aquele homem — que *Eça de Queiroz* nos mostra umfuncionário mediocre numa repartição do Estado, não indeciso nela

nenhuma delicadeza mais sutil dos sentimentos morais — sentia-se no seu fausto, tão miserável e tão desgraçado, que corre atrás do demônio, pedindo-lhe por tudo que ressuscitasse o mandarim, para que ele pudesse sentir-se livre do horror de ter cometido o seu crime.

E' claro que se temos o espírito afeto à negação, negamos tudo. E já que citei o nome de *Eça de Queiroz*, citai agora o nome de *Machado de Assis*. Lembramo-nos daquele estranho conto, intitulado *A igreja do diabo*. Como o Senhor tem a sua igreja, o diabo também delibera possuir uma. E, certo dia, alçando o vôo para as amplidões, defendeu-se com Deus. Expliquei-lhe o seu propósito. E como Deus lhe perguntasse qual era o espírito de sua igreja, respondeu-lhe o Eterno Tentador que tudo o que pretende era desmoronizar as virtudes humanas. Havia verificado que as virtudes são como rainhas, vestidas de manto de veludo; mas que esses mantos trazem sempre uma franja de algodão. Preparou-se a puxar pela franja, do manto que desmoronizasse as virtudes. Recebeu Deus, nesse momento, em sua glória, um ancião. E para relatar as paixões do demônio, mostrou ao princípio das trevas aquela ancião, narrando o seu caso: vinha ele num navio que naufragara e conseguira salvar-se, saltando para cima de uma tábua que esculava sobre as ondas. E já estava com a sua vida garantida, quando observou que ao lado, já inconsciente, em

momento de desaparecer dentro das águas, vinha um casal de recente-casados. Não podendo salvar os dois, pôs a sua tábua só comportava duas pessoas, o velho lançou-se à água, pôs sobre a sua tábua o casal e desapareceu, tragado pelas ondas.

Onde a franja de algodão da virtude deste homem, perguntava Deus? Ele estava entre céu e águas, todos os passageiros de barco já tinham morrido, restavam apenas ele e aquele casal, já inconsciente. Onde a de abnegação, que não tinha testemunha?

Sorriu o diabo, e, espírito de negação sistemática, negou também a virtude daquele velho. Ponderou ao Senhor que na idade em que ele se encontrava, já estaria com sua alma desanimada de tudo e o seu corpo reduzido a um monte de mazelas e de sofrimentos. Portanto, deixar a vida a outrem em tais condições era verdadeiramente um ato de misantropia, e não de abnegação.

Como o demônio, podemos também negar tudo. Podemos negar a moral, a filosofia, e a própria vida.

Muitos, habituados a esse exercício do negativismo sistemático, negarão a necessidade da criação do nosso Curso de Jornalismo, e, com especialidade, dentro dele, a da criação da nossa cadeira de *Edições Jornalísticas*. Deixemo-las entregues a esse divertido exercício mental.

Nada disso nos impedirá de prosseguir até o fim os nossos estudos severos e conscientes.

## Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

I  
Rio, 5 de Março

Caro Amigo,

Sua carta foi para mim um encanto apesar de toda a tristeza que quiz delatar nela. A tristeza do sol nascente do futuro desconhecido e oprimiu-me. Estou num momento em que me estimaria ao meu lado como na ruas da Imperatriz, mas não como enfeite, não adinhada, e sim bem sensível. Intelectualmente estou a não sei que distância. Estamos, entretanto, querendo acreditar-lhe, sempre perto de um do outro, porque nos procuramos. Aqui estive o Dr. Gastão, que mas já se acha em formação na alma dos homens bons.

Quanto a Spencer, ele nos

aconselha que esperemos a melhoria dos sentimentos humanos da evolução fatal das colinas.

Para a sua filosofia, nesse ponto batinhado de esperança, o progresso moral da humanidade será uma decorrência da evolução cósmica; assim como o Cosmos evolui assim evolui a Moral. Portanto, sem o saber, talvez sem o querer, o homem está destinado a um infeliz aperfeiçoamento.

E' mais ou menos o prenúncio de uma ideia de ouro, o que antevê o filósofo britânico. E a única resposta que podemos receber é a inflexível nudez de todas as colinas.

Desejo-lhe e a todos os que

o cercam em S. João do Rio

todo o benefício de sua permanência aí. Eu se pudesse ia

também fazer-lhe companhia.

Alguma coisa atrai-me sempre

nos lugares onde o Sr. está.

Queira-me bem e de-me de

quando em quando o prazer de

ver a sua letra.

Todo seu em verdade

Joaquim Nabuco

II  
Sexta-feira Santa

Meu caro Dr. Graça Aranha,

Não o tenho visto há dias, o que me deixa sem notícias daquele pequena caravana. Hoje estamos no Calvário, mas amanhã rogo-lhe o obsequio de passar por esta sua casa na sua ida para a cidade. Vejo que Mine. Graça Aranha não foi bom catequista e que perdeu os Calderas Viana. Haverá ainda alguma esperança? Anteontem estivemos eu e minha mulher uma hora a esperar de um bandeira que passou cheio. Como era tarde, não pudemos mais ir. Ontem e hoje deixamo-nos ficar sem notícias de fora. Mande-me dizer se sabe alguma coisa deles, entretanto.

Todo seu

Joaquim Nabuco

III  
Marília, 1.º de Julho de 1898

Meu caro Amigo,

Muito agradecei pela remessa. Ei! Típico que o tradutor já me tinha enviado. Tradutor, tradutor... A tristeza é, porém, feita com tanta amabilidade que não há senão agradecê-la. O pobre do meu Paço checo saiu mais ferido de que eu mesmo.

Então a nossa Academia se está despojando! O meu voto para a cadeira do Luiz Guimarães será do nosso ilustre João Ribeiro; não lhe parece, porém, que ao Pereira da Silva deve suceder o Rio Branco?

Aconselhe-lhe que obtenha da Secretaria de Estrangeiros, —

— o que sejam os cinco volumes da missão de Washington que ele desempenhou. Diga-me depois se entre os nossos parentes não é sensível a falta de tal nome.

Eu receio muito da animação que entre nós se chama especialmente literatura; devem animar a preferência os estudos. Não sei porque lhe encorajo a esse respeito em vez de deixar o assunto para o nosso chão, que espero tomar em poucos dias. Então o Paul Groussac também aí esteve! Decididamente o José Verissimo é um mágico; também, tendo por auxiliar um futuro Cabo Priol!

Muitas saudades a todos, e até para a semana.

Do seu int. agradecido e sincero Amigo

Joaquim Nabuco

IV

Confidencial Dez. 15, 89.

Meu caro Dr. Graça,

Acabo de receber do Correia uma carta em que ele me diz que talvez o Governo Inglês proponha agora deixar-se do arbitramento e chegar-se a uma solução direta. Não creio nessa previsão. Que em todo o caso ele Correia insinua que não havíamos de insistir pela nossa última proposta. Estou certo que o Governo agora não aprovaria mais tal concessão, e isto creio está na carta que o Dr.

(Continua na página 14)

## ASSINATURAS

Anual Semestral Trimestral

Em todo o Brasil Cr\$ 100,00 Cr\$ 55,00 Cr\$ 30,00

No exterior Cr\$ 130,00 Cr\$ 70,00 Cr\$ 40,00

**ENDERECO: Rua Fernando Mendes, 7-12.º and.**

**RIO DE JANEIRO, BRASIL**

Número avulso em todo o Brasil — Cr\$ 2,00

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA

XXX — Valfredo Martins

VALFREDO  
MARTINS

Nasceu em Campos, Estado do Rio, a 10 de dezembro de 1890.

Currou a Faculdade de Medicina, colando grau de diplomado em farmácia em 1909, iniciou depois, o curso médico, que interrompeu. Em 1914 fez o curso de vacina jenônica com o Doutor de Pedro Afonso e exerceu o cargo de preparador do Instituto Vachado do Estado do Rio de Janeiro. Foi nomeado professor de Química Toxicológica e Bromatológica da Faculdade Fluminense de Medicina, não tendo podido acumular. Exerceu o cargo de Inspetor de Exames comissionado pelo Departamento Nacional do Ensino — em 1926 na cidade de Santos, e em 1927 e 1928 no Distrito Federal. Serviu como Diretor da Biblioteca Universitária do Estado do Rio de Janeiro. Foi Chefe da Recebedoria de Niterói, Diretor Geral do Tesouro, Diretor da Receita Pública, Diretor de Economia e Finanças, Presidente da Junta de Recursos Fiscais, Delegado do Estado à Conferência Nacional de Legislação Tributária, reunida no Distrito Federal em 1941. Representou seu Estado natal junto ao Ministério da Justiça nos trabalhos de padronização dos orçamentos estaduais e municipais; e de sua autoria a contribuição apresentada pelo Estado do Rio.

Fez, ali, Secretário das Finanças, (1939 a 1945).

### BIBLIOGRAFIA DE VALFREDO MARTINS

— *Imagens Perdidas*. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro, 1935, 46 págs.

Este livro conta apenas dois sonetos seguintes, que vão todos transcritos neste número DE AUTORES E LIVROS:

O Bracelete, Taça, Cabaret, Uma mulher, Cobardia, O Cajazeiro, O Obelisco, A Navalha de Rollinat, Janeira abandonada, O encontro.

Os demais sonetos, que vão acrescentados às nossas páginas, são inéditos.

### OS ANTIGOS JARNALISTAS BRASILEIROS EM "AUTORES E LIVROS"

Nesta sua nova fase, "Autores e Livros", vai constituir-se, como acentuamos em outro lugar deste fascículo, uma ampla história da literatura brasileira. Temos o programa de editar, a seguir ao número dedicado a Pero Vaz de Caminha, um número dedicado a Pero Lopes de Souza. Virão, depois, os números referentes a Nóbrega, a Anchieta, a Bento Teixeira, a Gandavo, a Cardim, a Gabriel Soares de Souza, etc.

Compreendemos, porém, que esses autores, pelo seu tom arcádico, pela monotonia dos assuntos de que trataram, são poucos atraentes para despertar a curiosidade e o interesse dos leitores. Por esse motivo, "é" desejando

(Continua na 15.ª página)

### SONETOS DE VALFREDO MARTINS

#### O Bracelete

O que mortal acreditei outrora,  
— Palidão amor de duração tão curta,  
Doclar corpo o jaspe e o olor de morte.  
Num esqueleto de prata foi-se embora.

Tuas joias revendo, à inquieta hora  
Da noite que ao sogego a alma me furtar,  
Uma lágrima, a flor dos olhos surto.  
Vem me queimar as palpebras agora.

Como que, então, do rústico tesouro,  
Tecida de um fulgor que a vista espanta,  
Exsurges ataviando as rígidas prendas.

E ah! que radiar de bracelete de ouro,  
Pelos salões, mordendo a carne branca  
De um punho aristocrático de rendas!

#### Taça

Esta vasinha taça que ébrio empunha,  
E onde houve espuma de incendiada fonte,  
Faz-me passar, pela turbada fronte,  
Legendas a evocar-lhe o testemunho.

Ergue-a Petronio à satural defronte,  
Partindo-a, e a vela abrindo ao branco punho!  
E, ainda tonto do êxtase, estremunho  
De um sonho em que bebi com Anacreonte!

Choram talindos ideões, primevas  
Estátuas rótulas, marmores partidos,  
Roxas com fragar surdo pelas trevas.

E como que ouço os bacchicos adeuses,  
E como que ouço os inmultos ruídos  
Da última noite em que beberam deuses!

#### Cabaret

Mãos que dizem adeuses aos vampiros  
Centblos entre sincopes e arcâncos,  
Mãos que buscam nirvânicos empíreos  
Nas paroxismos dos venenos brancos;

Mãos que empunharam taças nos delírios  
Das grandes noites de prazeres frances,  
Mãos de amores fatais e de martirios,  
Mãos brancas que afagaram corpos brancos;

Mãos que no fulgor das joias lampejando,  
Nos duelos dos naipes esgrimistas,  
Riquezas recolhendo e dissipando.

Mãos que acordam memórias de outras datas:  
Ah! passagens magníficas e tristes  
Das Margaridas e das Travistas!

#### Uma Mulher

Eras o brilho, a lentejoula, a graça,  
A divindade dos galanteadores,  
A flor sensacional de um fim de raça,  
Para a corte dos poetas pecadores.

Hoje te lembro, e por meus olhos passa  
Todo o inesquecível dos teus amores,  
— Cetias alegres, misturando à taça  
Da tua boca risos e licores.

Vejo-te então, as sedas e os brocados,  
A carne nua, voluptuosa e linda,  
Meu jardim de Epicuro dos peccados

E estas mãos que em teu corno se abraçaram,  
Sentem no tato, eletrizado ainda,  
O latejar dos seios que afagaram.

#### Cobardia

Cerrando os olhos já dejé passar  
Amado Nervo.

Passou radiosa. Flor de um raro encanto,  
Típica invulgar de graça feminina,  
Era de ver-lhe o esbelto porte, e quanto  
Lhe modelava o corpo a seda fina.

No que passou, discreta e repentina  
Cravou-me o olhar de tropical quebranto.  
E aquele olhar de quem não se domina  
Quedou suspenso em mal contido espanto.

"Segue-a!" — gritou-me o coração inquieto.  
Mas tive medo de aumentar o ardor  
De vólticas chagas ainda a gritar.

E assim, sequioso embora de um afeto,  
Eu também como tu, Amado Nervo,  
Fechando os olhos, a deixei passar.

#### O Cajazeiro

Pomo de ouro que excita, inflama, exalta  
O paladar! Extravagante pomo!  
Se não lá nas mios cupidas o tomo  
E a avidez de mordê-lo não me assalta,

Os cachos pelas francesas da árvore alta  
Olhando agora em comovido assomo,  
Da infância esfolho o recamado tomo  
E humido brilho os olhos meus esmalta.

O cajazeiro! com que ingênuas mágoas  
Por não poder galgar os teus penachos,  
Nas meus oito anos eu te contemplava!

E ávido o olhar, e a boca cheia dágua  
Dourado como o meu cabelo em cachos,  
Os teus cachos tão altos coligava.

#### O Obelisco

Avejão de era morta, o vulto de granito  
Opondo à ira do sol o semplíctero aspecto,  
O obelisco sugere um beduíno insurreto  
Que um deus se trifou nas areias do Egito.

Agigantadamente, heróicamente ereto,  
Parado no deserto é um ciclope intérmito!  
Enigmático! é de um cônico alfabeto,  
Cujo ponto se perde entre os seos, no infinito!

Medindo-o de alto a baixo ao relance, lhe noto  
A resistência hostil, o aspecto resoluto  
Contra o simoun que passa em torvo terremoto.

E, auscultando-lhe o ser petreiro, como que escuto  
A voz tradicional de um século remoto  
Na clássica expressão do silêncio absoluto

#### A Navalha de Rollinat

C'est pourquoi je m'en vais le jeter dans un trou  
Car avec lui je sens que deviendrais fou  
Et que je finirais par me couper la tête!  
Le rasoir — Maurice Rollinat

O artista foi satânico no entalhe  
Singular desta lámina argentina.  
O pormenor de uns arabescos dá-lhe  
Requintes de obra de arte bizantina.



Valfredo Martins

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

## PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA

### XXX — Valíredo Martins

Da sanguinária témpera ao detalhe.  
A mão que a caldeira mostra a má sina.  
Dir-se-á que a fôlha fulgida agasalhe  
No aço o gênio infernal de Proserpina.

As vezes, quando em tempestade, a mente  
Se ananeva de luanza, subtilíssima.  
Vejo-a brilhar fascinorosamente...

Faz convites sinistros... E, a um alarme  
De horror, passa na sombra do meu crâneo  
O pensamento aíres de dagolar-me.

#### Janela Abandonada

Esta janela, hoje érma, hoje deserta  
Venho rever e a reconheço a custo,  
Esta que, outrora, em pompa ao sol aberta,  
Encolhurava o seu lidoigo busto.

Belasão donde ela a vir me fez a oferia  
Do seu primeiro olhar piedoso e augusta,  
E, sempre, as noites, palpitante e alerta,  
Esperava por mim, fria de susto.

Hoje tudo mudou, hoje mais nada  
Deste bom tempo de ventura resta;  
Hoje quem passa a vê abandonada.

De dia o sol em chamas a ilumina,  
E, à noite, a sua pálida lhe empresta  
A perspectiva triste de uma ruína.

#### O Encontro

Se não te é meu destino indiferente,  
Se alguma coela ainda em ti perdura,  
Em neste encontro, não te enquece a mente  
Que tu causaste à minha desventura.

Bendito o teu olhar que me procura  
Na multidão anônima da gente,  
Olhar donde uma gota mal segura  
Reiou na noite do pecado ardente.

Mas se tudo passou, se na penumbraria  
Em que vivo, se na ânsia que me invade,  
Revendo-me a alma se te não deslumbra,

Então, sequem-te as pálpebras vazias!  
Porque esse olhar foi de curiosidade  
Para ver a desgraça dos meus dias.

#### O Gaturamo

Pássaro de ouro e azul, quimera dos felizes,  
Tens nas asas o céu e tens o sol no peito,  
Iluminado astral dos videntes eleito,  
Profeta da ilusão, fortuna predizes.

Vais cantando talvez os frívulos desígnios  
Daquele que te olvida, embora tão perfeito.  
Pareres a chorar o teu sonho desfeito  
Misterioso Arlequim de bizarros matizes.

No chão onde cair teu ser de lantejoulas,  
Quando Deus reclamar a alma que te perfuma,  
Aqui há de nascer a flor de uma papoula.

Depois, a desvendar-te o secreto tesouro,  
Cintilante, ofuscante, em teu fino de pluma,  
Has de subir ao céu como uma estrela de ouro.

#### Miragem

As vossas finas mãos de âmbar vestidas,  
Onde o luxo se aveludou e a fria espuma  
Das ondas que voluptuosamente consumidas,  
As vossas mãos que o sandalo perfuma,

Mãos que, encantadas como as do rei Midas,  
Cintilam no halo de dourada bruma,  
Mãos que dentro das minhas esquecidas  
Me dão ao tato a sensação da pluma,

Mãos roubadas a idólos ou deuses,  
Rorejadas de um sol glacial de invernos,  
Mãos de Friné no tribunal de Eleusas,

Eu as odio como o escravo da ilha  
Ogígia adiava os lirios sempiternos  
Pelo esplendor da sua maravilha,

Taca

Este vasio Taca que abriu amparo,  
E onde lisonjei quando a inebriada fonte,  
Faz-me passar pelo turbulento fonte  
Sagradar a encapulha o temerário.

Engre — Petróvio é natural desporto,  
Partindo-a, a veja cheira os lúpulos juncos.  
Cincha tanto de estaca estremecendo  
De um solho em que beber come amarelo.

Chocam talões idéos, quincenas  
Estatuetas rótulas, marmames partidas,  
Rola em frangos rudos pelas trevas.

E como que ouço os baqueiros adorar,  
E como que ouço os tumultuosos ruídos  
Da ultíma noite em que beberam desse.

Valíredo Martins

Autógrafo de Valíredo Martins — Soneto "Taca"

#### Eliane é uma estrela

No esquifo de diamantes que te encerra,  
Plena de graça, cintilante e linda,  
Chegas ao céu, e, à pálida bem-vinda,  
A porta de ouro um querubim deserra.

Na solidão de quem ficou na terra,  
Como em teus brincos infantis ainda  
Rutila nevoa de ilusão infinita,  
Flama imortal a tua imagem erra.

Do teu sepulcro, à lux que o transfigura,  
As rosas vão fulgindo pela altura  
Cheias de pírlampoms a acendê-las.

És uma flor das noites e alvoradas,  
E teu jardim como um jardim de fadas,  
O jardim encantado das estrelas.

#### O Lírio

Irmão das ninhas, ser dos deuses consanguíneos  
Passa na terra hostil, lívido como um duende,  
Fugindo a ira do fogo, o fogo do exterminio  
Que nos céus tropicais o sol do estilo acende.

Pelas noites de glória, no mágico fascínio  
Das flamas de cristal que o estelárius suspende,  
No alto da palma de ouro, aligeiro e apolíneo,  
Como um pássaro branco, irísado resplende.

Flor das braçôes dos reis, da heráldica dos genios,  
Marcha rolo no pé. Mas, no tempo aureolado  
Palha eterno um instante ao curso dos milénios.

Foi no auge da tragédia, aos estios do martírio,  
Que Madalena viu Jesus ensanguentado  
Na base negra da cruz transformar-se num Lírio.

#### EDIÇÕES DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(Cont. na p. 8. pág.)  
Coleção Hakluyt Society — 1938.

Tras a versão para o inglês acompanhada de notas.  
Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral — Lisboa — 1940.

Tras o texto fac-similar acompanhado da transcrição linha a linha de uma versão em línguagem atual. Foi publicada sob a responsabilidade de Antônio Baito.

A Carta de Pero Vaz de Caminha com um estudo de Jaime Cortesão — Edição Livros de Portugal — Rio — 1943, 361 páginas. Tras a reprodução fac-similar da Carta e uma versão atual.

#### UMA CANDIDATURA ACADEMICA

(Continuação da p. 13.)  
da pública em todos os postos que tem ocupado, o espírito por excelência harmonioso e nobre, o pensado de pura lista ativa, o brilhantíssimo estilista.

Vai elegê-lo agora a Academia Brasileira de Letras, para a cadeira n.º 3, que tem como patrono Artur de Oliveira, e que foi fundada por Filinto de Almeida e depois ocupada pelo saudoso Roberto Simonsen.

É um justo reconhecimento aos grandes méritos do autor daquele splêndido monografia intitulada — Da Pede Executivo na República — e daquele eloquente volume que traz o título de Discurso

# Cronologia da Carta de Pero Vaz de Caminha

1509 (sexta-feira — 1.º de maio) — Pero Vaz de Caminha escreve a el-rei D. Manoel sua "Carta", comunicando o "achamento" da Ilha de Vera Cruz.

1773 (19 de fevereiro) — Fax-se na Torre de Tombo, por ordem do guarda-mor do Arquivo, uma cópia em boa letra da "Carta" "para melhor inteligência do seu original". Era guarda-mor da Torre de Tombo o Dr. José de Seabra da Silva e escrivão Eusebio Manoel da Silva.

1785 — O historiador espanhol Juan Batista Muñoz, indo a Lisboa recolher documentação para a sua obra — "Historia del Nuevo Mundo", da qual editou em 1793 o primeiro volume — extrata na Torre de Tombo a "Carta" de Pero Vaz de Caminha.

1817 — Em sua "Coreografia Brasileira (Impressão Regia — Rio) — o Padre Manoel Aires do Casal dá pela primeira vez à estampa a "Carta" de Pero Vaz de Caminha. Dá, igualmente, o primeiro estudo que se conhece da Carta.

1821 — Ferdinand Denis publica, no "Journal des Voyages", em versão francesa, a "Carta" de Caminha.

1822 — A tradução de Ferdinand Denis é reproduzida por H. Taunay e F. Denis em "Le Bresil ou Histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume".

1825 — Aparece a tradução para o francês, de F. Denis, em seu "Scenes de la Nature sous le tropique" — Paris.

1825-1827 — Navarrete (tomo III de sua "Colección de los viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV") refere-se ao extrato que Muñoz fez da "Carta", da Torre de Tombo.

1836 — A Academia das Ciências de Lisboa inclui no n.º III do tomo IV da "Coleção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas" a Carta de Caminha.

1838 — Aparece a primeira versão alemã da Carta — "Festinae Reisen durch Brasilien".

1855 — João P. Lisboa publica no "Jornal de Timor" a 1.ª "tradução" que se conhece da Carta de Pero Vaz de Caminha.

1862 — José Ramos Coelho em "Alguns documentos do Arquivo Nacional da Torre de Tombo acerca das navegações e conquistas portuguesas", transcreve a carta — "muito melhorada", diz Jaime Cortesão.

1897 — O historiador argentino Luis L. Dominguez publica em "La Biblioteca" de Buenos Aires um estudo em que compara a Carta de Pero Vaz de Caminha com a de Mestre João e com a "Relação do Píloto Anônimo" — concluindo que a Carta de Caminha é apócrifa.

1900 — O Instituto Histórico e Geográfico da Baia publica a "Carta", acompanhada pela 1.ª vez da edição em "fac-símile" zincogravado e de uma versão em itálico no português atual ("Carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manoel", Baia, 1900).

1909 — Pereira da Costa publica, na "Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco", um estudo — "Pero Vaz de Caminha — primeiro cronista do Brasil". Dá ali um texto atualizado da "Carta" e um apêndice com notas.

1906 — Capistrano de Abreu publica seu estudo "O Descobrimento do Brasil pelos portugueses". Dá ali uma versão livre da "Carta".

1902 — Soixa Viterbo publica seu folheto — "Pero Vaz de Caminha e a primeira narrativa do Descobrimento do Brasil" (notícia histórica e documental), Lisboa.

1908 — Capistrano publica seu estudo "Vaz de Caminha e sua Carta" (Rev. do Inst. Histórico e Geográfico Mineiro) LXXI, 2.º 109.

1910 — João Ribeiro publica, em seu "Fabornão", seu estudo sobre a Carta, com a transcrição do documento.

1923 — Carolina Micaela publica a sua "Versão em linguagem atual da Carta" História da Colonização Portuguesa do Brasil" — 2.º volume) com inúmeras notas filológicas.

Sobre este trabalho elas o comentário de Jaime Cortesão: "Infelizmente a versão do grande Romântica está manchada por erros graves e até falhas de texto; e se completa, em parte, o estudo de João Ribeiro, a sua valiosa lição filológica, que não se apoia no cotejo de outros textos, nem sempre faz honra à invidável mentira" ("A Carta de Pero Vaz de Caminha", p. 39).

1923 — Carlos Malheiro Dias publica seu estudo "A Semana de Vera Cruz", em que se ocupa muito de Caminha ("História da Colonização Portuguesa", vol. I).

1932 — Artur de Magalhães Basto publica a sua conferência — "O Porto e a Era dos Descobrimentos" — onde faz importantes revelações sobre a biografia de Caminha.

1933 — Moisés Gikovate publica, na "Revista Nacional de Educação", (Julho daquela ano), seu estudo — "A Carta de Caminha e a Etnografia".

1933 — Manoel de Souza Pinto publica seu estudo — "A Carta de Pero Vaz de Caminha, edições e leituras (Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Micaela de Vasconcelos — Em Revista da Universidade de Coimbra", vol. XI).

1934 — Manoel de Souza Pinto publica seu trabalho "Pero Vaz de Caminha e a Carta de 'achamento' do Brasil", edição da Academia das Ciências de Lisboa.

1938 — William Brooks Greenlee publica "The voyage of Pedro Álvares Cabral to Brazil and India" — Col. da Hakluyt Society — Vem acompanhado de uma versão da Carta para o inglês e de muitas notas e documentos.

1940 — António Ruião publica "Os sete únicos documentos de 1500", conservados em Lisboa referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral — Lisboa.

Traz o texto fac-símile e a transcrição, linha por linha, de uma "versão em linguagem atual" da carta.

1941 — Angélica Costa publica, na "Revista Brasileira" (n.º 3 — dezembro daquela ano) seu estudo — "O índio na Carta de Pero Vaz de Caminha".

1941 — António Cruz publica seu estudo sobre "Pero Vaz de Caminha cidadão do Porto (Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto)", vol. IV — junho — setembro de 1941).

1942 — Carlos Simões Ventura publica "A mais recente leitura da Carta de Pero Vaz de Caminha — Brasília", n.º 1.

1942 — Oliveira Pinto publica as "Notas sobre as aves mencionadas por Pero Vaz de Caminha" — em "Papéis avulsos do Departamento de Zoologia", Secretaria da Agricultura — vol. 11 — São Paulo.

1943 — Jaime Cortesão dá a sua "A Carta de Pero Vaz de Caminha" — 351 páginas — coleção Clássicos e contemporâneos — Rio.

Ai faz o estudo biográfico de Caminha, dá os apontamentos essenciais sobre a sua famosa "Carta", a reprodução "fac-símil" do documento, uma adaptação da "Carta" à linguagem atual, numerosas notas críticas e filológicas sobre o documento.

## NOTAS Á CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

(Continuação da 7.ª pág.)

preto, negro (de corte apertada, concentrada), que conservou essa sua antiga forma em todo o pedestal. Embora as reproduções tenham pego, a fotografia da carta mostra que, tanto no original, inciso, como no de Ambrosio, as fórmulas adjectivas postverbais tiradas de apertar apertar (ad-petcorare, isto é, comprimir contra o peito, comprimir, aproximar em geral).

(43) Pano de armar de muitas círcas são os panos de ras (Arras) com que se enfeitavam as paredes dos palácios portugueses, obtendo durante o inverno.

(44) Traçam todos as testas... da cor de tinta preta. Nesse caso é curioso que tais tarefas dão excesso.

(45) Viana, comida. Do francês viande, que representa o latim vivenda.

(46) Das guarda de lenha. Coiso que devemos ler assim, visto que Diancho de Tuar desembocaram violentemente com homens armados afim de proteger os carpinteiros que iam abater árvores e preparar os madeiros para a crua. A crua fomos em terra continua bem com dar guarda a cada um de ranga. As madeiras as lenhas ar de lambas as palavras problemáticas nascem tristes de modo que também podiam representar as, e aquela seja frequentíssimo em textos relativos às navegações, não dariam sentido: fomos em terra da guarda (e) de lenha.

(47) Metidas em talas, e bem atadas, as pedras dos machados de silex andam fortes: estão tam-

seguras ou firmes que se pode trairbalhar com elas.

(48) Ladei é presente. No caso mencionado por Pero Vaz de Caminha (frag. da manusc.): ladei a origem, e apesar que o significado exacto haché é germânico (barcken).

(49) Armadura, dentes, peças de javali.

(50) Uma pequena de cera vermelha: uma pouca de cera.

(51) Emprense. Erro de escrito por emprenre, imprimir.

(52) Cronho por cunho; influído por ventura por cruz, na fórmula frequente de cruz ou cunho?

(53) Chantar, chentiar, arcadas e vulgarismos para plantar, plantar.

(54) Seer, ser. Em vista da pronúncia do verbo ser, (de madeira—estar sentado) visto que em português o significado com que em português se traduziu é de estar sentado, não poderia admitir que a classe distinção entre ser e estar não se fixasse senão no decorrer do século XVI.

(55) Os Apóstolos São Felipe e Santiago.

(56) A outra vinda de Nicélio Coelho, claro que foi de Viana da Gama, em que o valente Coelho tivera parte.

(57) Praça parma parece estar no original, a não ser que em vez de rima leiamos nas, entendendo paixão muito chão e muito frenesia. Confesso todavia que desconfio essa designação: como

desconheço parma (como adjetivo, por tirado de parame?) que quanto ao sentido mal se podia aplicar a uma praga formosa. Nem sei conjecturar que outro lajeus campanário haveria nas latras trazidas a 1 de Maio de 1509.

(58) Entre dou aqui a sua altura e do que nessa terra vêm falar o complemento conta. — Propositalmente é que Caminha repete a frase de que se havia servido no princípio da Carta.

(59) Vila, Ilha de Vera Cruz.

— Ao registrar (a 1.º) o nome dado por Pedro Álvares Cabral à região nova que descobriu, Caminha empregou Terra da Vera Cruz. No mesmo dia o fidalgo João Magister artum ou medido baçalhau esteve a sua comunicação com o governador Fache em Vera Cruz. — E provavelmente assim diriam todos quantos mandaram os seus relatórios ao soberano mandatário. Mas a designação foi efêmera. Quando a Nau dos mantimentos chegou a Lisboa e Gaspar de Lemos entregou a correspondência, alguém lembraria a D. Manuel que tal nome era incorrecto. Vera Cruz era, na época, o nome de uma cunha: a cunha, não pudesse saber, se era Ilha ou Terra Firme, ainda que nos inclinássemos a esta última opinião!».

(60) Odisio, Mafet, Mafet.

Galvão Gaudioso adotou o nome, desprezando o de terra de pagaias (la terra de li pagai) empregada por Pican. Mas a vogar popular que alcançou o principal artigo de exportação, o pau brasil, fez vencer o de Brasil (jogo propagado no estrangeiro (Brasiliano, Hana Mayri). Quanto ao problema campanário, só o nome é que é certo: a cunha: "Não pudesse saber, se era Ilha ou Terra Firme, ainda que nos inclinássemos a esta última opinião!".

A obra de João Ribeiro

A obra de João Ribeiro, como se sabe — a parte publicada pelo grande escritor e a que foi organizada por Mário Sérgio — sobre a um total de 60 volumes.

Tendo despertado o interesse de quantos no Brasil se preocupam com as coisas da literatura e do espírito, a obra do extraordinário poliglota mereceu o especial carinho do Instituto do Livro.

Parce certo que, ainda éste ano ou o ano que vem iniciará o Instituto do Livro a publicação das obras completas de João Ribeiro.

## O PROBLEMA DO LIVRO

O problema do livro vai-se revestindo, no Brasil, de aspectos muito sérios. Diz-se que numerosas editoras da Capital da República estão em vésperas de abrir falência. E, seja isso verdade ou seja mentira, é fácil verificar que as livrarias da cidade estão praticamente às moscas.

Escasselam os leitores... as livrarias vão à falência.

Mas por que escasselam os leitores? Evidentemente, pelo alto custo dos livros. Estamos, assim, diante de um círculo vicioso: a livraria não vende, porque o leitor não aparece; o leitor não aparece, porque o livro é muito caro...

Nesse ramo de comércio, como em todos os outros, o brasileiro está possuído da mania do lucro alto e imediato. Outrossim, num dos chameados abusos da cidade, a média do preço do livro comum era entre 2 e 5 cruzeiros. Hoje? E' entre 20 e 30... Naturalmente, o comprador — que em geral não é rico — se retrai.

Se em vez de pleitearem medidas governamentais em seu benefício, os livrários tomassem a iniciativa de ir baratando o mais possível os livros, creiamos que melhoriarmos de muito sua situação. Como vai, porém, a coisa não terá remedio. O Governo lhes dará, a elas, medidas de proteção: os preços dos livros continuando os mesmos, se não não aumentarem; e o povo, que continuará a não poder pagar, continuará a não poder passar das livrarias, olhar para os balcões prohibitivos... e ir embora...

Nota sobre "Os Homens Ocos", de T. S. Eliot

T. S. Eliot (Thomas Stearns Eliot) poeta e crítico, nasceu em St. Louis, nos Estados Unidos, em 1888. Transferindo-se pouco antes da Grande Guerra para Londres, ali assistiu ao melhor período da sua criação literária, adaptando-se antes ao mundo da poesia inglesa, tais como da americana. Publicou "Poems" (1908-1925), onde recolheu "o que gostaria de preservar da sua poesia", com exceção de "Murder in the Cathedral", drama lírico de grande voo. Eliot reune, com uma felicidade que faz pensar em Coleridge ou Baudelaire, o artista no crítico, tendo realizado estudos indissociáveis a boa compreensão da poesia inglesa, tal como os "Elizabethan Essays", "The Use of Poetry and The Use of Criticism", obra famosa estudo sobre Dante e outros trabalhos. Seus grandes mestres foram Dryden e Malherbe. Eliot levou ao excesso, como o poeta do "Apres Midi d'un Faune", o exercício sobre a substância verbal da poesia. Profunda e propositalmente hermético, fazendo do hermetismo uma espécie de valor essencial do seu lirismo, Eliot no entanto, não se furtou à vocalização íntima do canto. Cantou, por vezes, com um arrebatamento que leva o leitor ao mais alto da compreensão poética. Seu último drama em versos, "A Family Reunion", obedecendo às constantes da sua poesia, é uma grande e trágica evasão do espírito anglo-cátilico no busca do esclarecimento total da palavra virtualmente poética. O poema que hoje damos, em tradução de Vítor de Moraes, é considerado uma obra-prima da moderna poesia inglesa. Data de 1925 e traz sob o título o seguinte encadramento: "Mistah Kautz — the morto". Esse outro grande poeta que foi William Butler Yeats, inclui-o no seu "Oxford of Modern Verse" (1922-1935). — V. de M.

O poema a que se refere a nota acima se encontra à página 15 desse número de *AUTORES E LIVROS*. É uma reprodução do número 10 do primeiro volume (19 de Outubro de 1941).



# CURSO DE JORNALISMO

ORAÇÃO DO DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA, DR. A. CARNEIRO LEÃO

É uma grande hora para a Universidade do Brasil, para a Faculdade Nacional de Filosofia, esta em que inauguramos o Curso de Jornalismo.

A Faculdade Nacional de Filosofia congratula-se com o Governo, aqui representado por S. Excia., o Ministro Clemente Mariani, com o Reitor da Universidade, Prof. Inácio Manuel Arevalo do Amaral, com o Conselho Universitário, o Conselho de Curadores e a Associação Brasileira de Imprensa, na pessoa de seu Presidente Herbert Mous, pelo advento dessa hora, há tanto tempo sonhada por todos nós.

Bem haja o Governo do Presidente General Eurico Dutra, o Parlamento da República, a Universidade do Brasil e a A.B.I., pela conquista magnífica.

Meu entusiasmo é tanto maior quanto foi nessa profissão, em que perdi desde os bancos acadêmicos, que me habituei a observar, a analisar os fatos sociais e a meditar e a escrever sobre suas razões e suas consequências. Diversos livros numerosos elaborados antes em notícias, artigos e ensaios, nas colunas dos jornais. Não poderia assim deixar de sentir como um dos melhores presentes da radio ser o Diretor desta Casa, no instante em que ela adiciona os seus cursos mais prestigiados, o curso de formação e de aperfeiçoamento dos jornalistas.

O momento é o mais oportuno. A última guerra, da qual vencemos de emergir, espalhou entre os homens por todos a parte o descontentamento e o desordem mental. O papel da inteligência, a missão da cultura é de esclarecimento e direção para que se não possa tirar prejuízo da miséria, da tristeza e da dor.

Nunca a imprensa, nunca o jornal, nunca o jornalista necessitou tanto de equilíbrio, de serenidade, de espírito de justiça para defender-se e defender do contagio das opiniões falsas, das soluções simplistas, das fórmulas fáceis a massa que ascende para a participação no governo dos povos. Os erros de uma longa linhagem de homens de Estado, as dificuldades de compreensão e de ação de mentores intelectuais, subestimados jornalistas, aliados ao mal estar social, após catástrofes das dimensões e da profundidade das quais que acaba de terminar, estão conduzindo boa parte da juventude para comportamentos imprudentes. E o pior é que, nascidos entre duas guerras, suferem as agravuras de uma vida difícil, num meio amolecido pelo relaxamento de costumes que sucede aos desmoronamentos morais das guerras a flor das diligências do pensamento e da vida de amanhã encontram-se desorientada e, raro, senhoras de uma verdade indiscutível, em uma atitude

mais ou menos mistica de Mesias.

E poderíamos em si consciência exigir conduta muito diversa?

A crítica sem medida dos homens e das coisas, as interpretações tendenciosas e malhas dos fatos diários, no Jornal, no Cinema, no Rádio são a escola sistemática, mas empolgante, em que se educam e ganham comportamentos e atitudes as gerações novas que nos vão suceder.

Cada época da vida tem sua finalidade e seus objetivos. Enquanto à maturidade cabe cultivar que a sobrefrigida das ainda inexperiências destrua seu construir, interrompa a associação dos fenômenos e dos fatos que constituem a própria vida no tempo, à mocidade cabe renovar o que se angustiou sem o seu salgadinho. Se o predominio absoluto da primeira redundaria na estagnação para o retrocesso, o predominio da segunda terminaria na confusão e, por fim, também no retrocesso.

A civilização é obra da Caravana imensa de inteligências e de corações que, desde o homem de Neanderthal, vem, progressivamente, dentro de sete estreitos limites subindo a escarpa íngreme, através do espaço e do tempo, para nos conceder as maravilhas das conquistas científicas e os encantos das realizações de beleza legadas à geração que se está.

Ninguém mostrou, com eloquência maior, a nossa devoção de gratidão àquele ser primitivo que na noite de onde viemos realizava o esforço inicial e doloroso, de que Anatole France.

Na fúria do prazer, nessa

solennidade do espírito, de elevar o original a sua página mornidade;

"Viel homme... ton souvenir me ramène dans le plus profond de mon être; recols, dans l'insoudable passé ou tu repousse, l'hommage de ma reconnaissance, car je sais combien je te dois. Je sais ce que tes efforts m'ont épargné de misères. Tu ne pensais point à l'avvenir, il est vrai, une faible lueur d'intelligence vacillait dans ton être obscur; tu ne pus guère songer qu'à te nourrir et à te cacher. Tu étais homme, pourtant. Un idéal confus te poussait vers ce qui est beau et bon aux hommes. Tu vécus misérable; tu ne vécus pas en vain, et la vie que tu avais reçue si affreuse, tu l'a transmis un peu moins mauvaise à tes enfants. Ils travailleront à leur tour à la rendre meilleure... Ils se sont tous engagés, à l'effort continu de tanta déception, à travers les âges, à produire des merveilles qui maintiennent émoussé la vie."

Para chegar ao alto da Torre em que nos encontramos foi preciso marchar lenta e pesadamente desde o primeiro degrau longínquo.

Quanto esforço, quanto paciência, quanto sofrimento para que conquistássemos o que possuímos.

E a consciência de tamanha verdade que devemos trazer sempre viva naqueles que chegam. Substituída porque não há geração espontânea e a vida tudo é passado ou futuro. Passado o que obivemos e futuro o que buscamos conquistar. Essa consciência, essa mentalidade são os escritores, principalmente os jornalistas, cuja atuação é mais imediata e mais extensa, que a irá difundir na massa soturna que se está. Seu papel e de educadores do futuro numa época em que mais do que nunca a ação diuturna do jornal há de ser decisiva no comportamento das novas gerações, ávidas de movimento e de atividade.

Sóis vós que decidireis — professores e alunos deste curso — se foi um bom se foi um mal a descoberta da imprensa e a alfabetização de todos.

A hora é definitiva e a obra que realizareis, aqui, senhores jornalistas e mestres, será providencial no Brasil se souberdes atender, como estamos certos que sabereis, os reclamos da hora presente.

E assim, em redobrada fé na vossa missão que passa a palavra ao Presidente da Associação Brasileira de Imprensa.

## Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

(Continuação da 9.ª página)  
Olinto me escreveu quando ainda não no Rio. Queria mandar-me a minha carta sobre tal hipótese e só a resposta. Creio que foi a segunda que lhe escrevi.

Com o Corrêa me diz que o negoço está agora entregue a Sir Richard Webster, o advogado contra o Venâncio, que é da 8.ª class. e que eu suponho que é a que queria aranha agora pelo de falar 10 dias. Nós devísemos um palmo da Linha Schomburgk depois da vitória que tiveram.

Até logo. Muitas recomendações nossas.

Do seu sempre

Joaquim Nabuco

V

St. Germain, 14 de Maio de 1900  
Meu caro Dr. Graça.

Espero que essa falta de comunicação sua não queira dizer que há novidade em casa. Realmente receio muito que D. Yayá se não está bem vacinada esteja muito exposta. O Gouveia pensa que todos aqui devísemos vacinar-nos, mas já agora como as crianças têm vacinas recentes, creio que não tomaremos essa cautela nos mesmos. Sinto muito sua falta com a qual não contava depois de tão longa ausência que fiz para ainda aumentar o nosso atraso. Acredito, porém, que poucos dias tratar o prazer de vê-lo para conversarmos sobre os nossos destinos. D'ora em diante verei obrigado a incomodá-lo e talvez mesmo a sobrecregá-lo. Veja que nova calamidade o ameaça! Muitas recomendações nossas a D. Yayá, beijos aos meninos, e creia-me.

Mu<sup>o</sup> af<sup>o</sup> seu

Joaquim Nabuco

VI

(Postal)

Biarritz, Sexta-feira  
23 de Maio de 1900

Meu caro Dr. Graça,

Não sei se o José Veríssimo mandou-lhe o livro dele *Faz e Amançote*. Se o tem, queira emprestar-me, porque o meu exemplar veio com uma fôlha trocada em duplícata.

Entendo-lhes felizes saudações. Hoje

recebi a triste notícia da morte do Corrêa; perde um velho amigo e camarada. Estou ansioso por uma carta do Oliveira Lima.

Seu m<sup>o</sup> af<sup>o</sup>  
J.N.

VII  
(Postal)  
St. Germain, 11 de Maio de 1900  
Meu caro Dr. Graça.

Não vejava ver-me sentido depois de perfeitamente curado e de passar todo perigo de recuperação consequência desse desgraçado episódio em casa, que tanto sentimos. O telegrama que recebeu ontem foi de Caldas e dizia — "Pode requisitar Decreto Secretário". Já tenho sua nomeação e minhas credenciais. Não conto porém, partir para Londres antes do fim do mês, princípio de Junho. Arranjo-me nessa conformidade. Todos nós recomendamos muito.

Do seu Am<sup>o</sup> m<sup>o</sup>  
Cerio e Obga<sup>o</sup>  
J. Nabuco

VIII  
Londres, 20 de Abril 1902  
Meu caro Dr. Graça.

O Benjamin está ai na Villa Estefânia (Estoril). Rogo-lhe que o mande vir à sua presença e pergunte-lhe em que condições não quererá voltar para o meu serviço. Eu não posso tomar a Fabiana, mas talvez eles possam combinar algum modo de entrar deles sem ela para minha casa, concorrendo eu para o sustento dela. Diga-lhe que creveu e parece preferir voltar para a seguir para o Brasil. Eu dor-lhe-ia muito ordenando de que ele tinha de modo em que não dais, ele e eu, a sustentar a Fabiana. Como terei que viajar muito sozinho, não posso nenhuma, nem sei como poderia fazer-me acompanhá-lo por casal e tão comodissimo. Mostre-lhe o absurdo dessa insistência, exceto se ele tem coisa melhor para ambos. Não lhe fale, porém, em direório, sobre tudo à vista deles.

Entimo que tudo lhes vá correndo como suponho impossível

não correr. Quando tentaram叫我 num dia visitar fizeram os dois, mais ligados ainda do que partiram. Londres liga muito. Mas Lisboa liga mais.

Não deixe de ver o Carvalho Monteiro. Já tenho a Corografia Paracatog de Adolfo Acháia alemã. Daí mesmo manuscrito pelo Veríssimo de Norton Megaw vir o livro do Torquato Tapajós *Estudos sobre o Amazonas e o Baixo Amazonas* Corografia sobre a Província do Pará ou peça ao Moniz ou ao Sr. Lúcio de Azevedo que não descurra de mim mesmo. Veja se ai me descobrem "Carta geográfica da Nova Lusitânia ou Américas Portuguesa e Estado do Brasil" por Antônio Pires da Silva Pontes, Cap. de Fraga, Astrônomo e Geog. de S. M. Nas demarcações de limites — 1798 (?)

Uma carta de Ricardo Franco de Almeida Serra intitulada "O Estado e a Capitalia do Grão Pará e Rio Negro com as Maranhão e Piauí com as comunicações dos rios Negro, Crenó e Cavanubá, a situação da nova Fortaleza e verdadeiro curso do Rio Branco" feita em 1780. Humboldt refere-se a duas cartas desses geógrafos em data de 1787 e 1804 que o Conde de Linhares lhes deixou ver a ele a Lapic (geógrafo).

Dona Yayá quer que eu lhe diga quando o Sr. volta, mas eu respondo que só quem pode saber é o Sr. Batálha.

Muitas recomendações afetuosa-s a ele e sempre seu

Amigo Cerio e Obmo.

Joaquim Nabuco

Pega no Moniz o favor de ver a págs. 247, 249 e 249 do Catálogo dos Condes de Linhares os Ns. 334, 335, 338, 344, 325, 326, 319, 296, 317, 318 e 319 para onde foram ou juntos ou repartidamente. Essa investigação a respeito do paradero atuas de talas numerosas de maior alcance. Talvez ali os leiloeiros não guardem os livros tão bem como o Sotheby, mas considerando que o leilão foi em 1895 temos esperança de se achar ainda um vestigio a respeito disques documentos.

J.N.

IX  
52, Cornwall Gardens,  
Queen's Gate, S.W.  
Outubro 17. 1902

Meu caro Dr. Graça.

Fazia como quiser, mas lembrando-me que poderemos ter que parta de um momento para outro para Roma. Queria dizer isto mesmo ao Dr. Odvaldo. Tem havido muita luta lá em Roma, e talvez fosse melhor estar a Missão representada lá pelo Sr. Não se lhe preocupe, isto é, quanto à sua despedida particular por nenhum contrato e diga ao Odvaldo que ele pessoalmente, isto é, deixando a Embaixada deve estar pronto para atender ao primeiro chamado. O Raul parte amanhã para Berlim. Pode quanto à sala da Missão tomar compromisso de avisar um mês antes. Não vou melhor dos ouvidos, apesar de ter um que não está de todo mau, e no meu estado não piorar é talvez melhor.

Uma carta de Ricardo Franco de Almeida Serra intitulada "Carta geográfica da Nova Lusitânia ou Américas Portuguesa e Estado do Brasil" feita em 1780. Humboldt refere-se a duas cartas desses geógrafos em data de 1787 e 1804 que o Conde de Linhares lhes deixou ver a ele a Lapic (geógrafo).

Dona Yayá quer que eu lhe diga quando o Sr. volta, mas eu respondo que só quem pode saber é o Sr. Batálha.

Muitas recomendações afetuosa-s a ele e sempre seu

Amigo Cerio e Obmo.

Joaquim Nabuco

Pega no Moniz o favor de ver a págs. 247, 249 e 249 do Catálogo dos Condes de Linhares os Ns. 334, 335, 338, 344, 325, 326, 319, 296, 317, 318 e 319 para onde foram ou juntos ou repartidamente. Essa investigação a respeito do paradero atuas de talas numerosas de maior alcance. Talvez ali os leiloeiros não guardem os livros tão bem como o Sotheby, mas considerando que o leilão foi em 1895 temos esperança de se achar ainda um vestigio a respeito disques documentos.

Espere que Dona Yayá ande mais consolada e tenha melhores notícias do Rio. Como vão os Meninos gastando de Paris?

Não terão tido esaudades dos felizes tempos de Ealing?

Seu M<sup>o</sup> sinceramente

Joaquim Nabuco

Verifique-se se o Garnier ficou descontente, ou contente, com a venda dos meus dois livros últimos. Veja se lhe oferece o Japão sem prejuízo do *Graça*. Eu quiseria dar um livro de Pensamentos já publicado, extraiendo-as só que tenho escrito, a modo de que vi no *Almanaque*. Dá-lhe minhas felicitações pelo éxito completo daíte. Creio que Iui em que lhe surgiu a ideia. Depois da Missão diria edito ou de *Préeditos* (*Pensamentos*). O Sr. mesmo faria a escolha como era do seu projeto; o que lhe custaria pouco trabalho sendo uma boa tese, ainda que não valesse muito a pena.

J.N.

## UMA APRECIACAO SOBRE "AUTORES E LIVROS"

(Continuação da 13.ª página)  
codernadas, mas custam isso. E constituem, atualmente, uma raridade bibliográfica, porque os exemplares nos sua maioria estão esgotados. As coleções, mesmo incompletas, são disputadíssimas. E as completas estão nem sempre. Basta dizer-se que a coleção existente na Biblioteca Nacional já passou a fazer parte do "reservado".

Mácio Leda não procurou realizar apenas os seus colegas da Academia de Letras, ou medalhões da nossa literatura. Fo- calizou também homens humildes e quase esquecidos, como Lima Barreto, por exemplo. E quase sempre dava sobre elas muita matéria inédita ou quase ignorada. Els como nasceu, em papel de jornal, uma verdadeira raridade bibliográfica, o desaparecido suplemento "Autores e Livros".

(A. Nolte, 11-3-1948).

## CARTA DE MESTRE JOÃO

Este documento foi encontrado por Varnhagen, na Tére do Tombo, de Lisboa, e publicado na *Revista do Instituto Histórico*, t. V. (1843).

É o famoso documento, que em importância, para o conhecimento dos primeiros momentos do Brasil, não está longe da *Carta de Caminha*:

VERSAO EM LINGUAGEM ATUL PELO DR. LUCIANO PEREIRA DA SILVA, PROFESSOR DE MECÂNICA CELESTE NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Senhor: o bacharel mestre João, físico e cirurgião de Vossa Alteza, beijo vossa reais mãos. Senhor: porquê, de tudo o cá passado, largamente escreveram à Vossa Alteza, assim Alves Correia como todos os outros, somente escreverel sobre dois pontos. Senhor: ontém, segunda-feira, que foram 27 de abril, descrevemos em terra, eu e o milão do capitão-mor e o piloto de Sancha de Tovar; tomámos a altura do sol no meio-dia e achámos 56 graus, e a sombra era setentrional, pelo que, segundo as regras de astrolábio, julgamos estar afastados da equinócio por 17 graus, e ter conseguido a altura do polo antártico em 17 graus, segundo é manifesto na esfera. E isto é quanto a um dos pontos, pelo que saberá Vossa Alteza que todos os pilotos vão tanto adiante de mim, que Pero Escobar vai adiante 150 léguas, e outros mais, e outros menos, nou que dia a verdade não se pode certificar até que em boa hora cheguemos no cabo de Bon Esperança e ali saibermos quem vai dar mais certo, se elas com a carta, ou eu com a carta e com o astrolábio. Quanto, Senhor, ao sítio desta terra, manha de Vossa Alteza trazer um mapa-mundi que tem Pero Vas Bisogni e por si poderá ver Vossa Alteza o sítio dessa terra; mas, aquileia mapa-mundi, não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e só eu saberá Vossa Alteza escrita também a Mina. Ontem quase escondemos por aconselhos que esta terra é, e que eram quatro, e que doura terra vem aqui almejada e pelejar com elas e os leões e cães.

Quanto, Senhor, ao outro ponto, saberá Vossa Alteza que, sobre as estrelas, eu tenho trabalhado e que tenho podido, mais não muito, por causa de

ROBERTO SIMONSEN

Terça-feira, 25 de Maio passado, quando gravava na Academia Brasileira de Letras, pronunciando o discurso de saudação ao senador belga Paul Van Caelen, caiu fulminado por um insulto cardíaco o escritor Roberto Simonsen. Faleceu assim, em poucos minutos, em plena sessão intelectual, na Casa de Moedas de Assis. A morte interrompeu seu discurso no momento em que ele a propósito da guerra de 1914, tendo feito o elogio de Rui, pronunciava esta frase: A Bélgica pagou o seu tributo...

O corpo do ilustre acadêmico foi transportado, na mesma noite, para S. Paulo, e ali inhumado no cemitério da Consolação.

Roberto Simonsen era figura de grande destaque na vida brasileira dos dias de hoje, um dos dirigentes da Federação das Indústrias de S. Paulo, senador da República. Na Academia ocupava o fauteuil n.º 3, do qual é patrono Artur de Oliveira e que lhe foi criado por Pinto de Almeida, a quem o morto de agora substituiu em 1945.

uma perna que tenho muito mal, que de uma copadura se me fez uma chaga, maior que a palma da mão; e também por causa de esse navio ser muito pequeno e estar muito carregado, que não há lugar para coisa nenhuma. Somente mando a Vossa Alteza como estão situadas as estrelas do sul, mas em que grau está cada uma, não o pude saber, antes me parece ser impossível, no mar, tomar-se altura de nenhuma estrela, porque em trabalho muito nisso é, por pouco que o navio balance, se erram quatro ou cinco graus, de modo que se não pode fazer, senão em terra. E quase outro tanto digo das tabus da Índia, que se não podem tomar com elas senão com muitíssimo trabalho, que, se Vossa Alteza soubesse como desconcertavam todos nas polegadas, riria disto mais que do astrolábio; porque desde Lisboa até as Canárias desconcertavam uns dos outros em muitas polegadas, que uns diziam, mais que outros, três e quatro polegadas, e outrotanto desde as Canárias até as Ilhas de Cabo Verde, e isto, tendo todos cuidado que o tomar fosse a uma mesma hora: da modo que mais julgavam quantas polegadas eram, pela quantidade

do caminho que lhes parecia terem andado, que não o caminho pelas polegadas. Tornando-Senhor, se propôs, estas Guardas nunca se escondem, antes sempre andam em derredor sobre o horizonte, e ainda estou em dúvida que não seja qual de aquelas duas malas balas seja o polo antártico; e estas estrelas, principalmente as da Cruz, são grandes quase como as da Carro; e a estrela do polo antártico, ou sul, é pequena como a do Norte e muito clara, e a estrela que está em cima da terra a Cruz é muito pequena. Não quero alargar mais, para não importunar a Vossa Alteza, salvo que fico roendo a Nosso Senhor Jesus Cristo que a vida e estado de Vossa Alteza acrescentem como Vossa Alteza deseja. Peita em Vera-Cruz no primeiro de maio de 1500. Para o mar, melhor é dirigir-se pela altura do sol, que não por nenhuma estrela; e melhor com astrolábio, que não com quadrante nem com outro nenhum instrumento. Do criado de Vossa Alteza e vosso leal servidor

Johannes  
artium et medicinae  
bachalarius.

OS ANTIGOS JORNALISTAS BRASILEIROS

EM "AUTORES E LIVROS"

Números atrasados de  
"Autores e Livros"

Como se sabe, os oito volumes que constituem a primeira série de "Autores e Livros" estarão-se por completo. Para os colecionadores, porém, temos uma boa notícia: possuímos, em reserva, alguns dos números de nossa primeira fase, e em fascículo futuro daremos a relação de tais números. É provável que assim os leitores possam completar coleções que tenham iniciadas.

Uma posse na  
Academia

Está marcada para o próximo mês de Agosto a posse do Sr. Afonso Pena Júnior na Academia Brasileira de Letras.

O fulgido exegeta de A Arte de Furar e seu Autor entrou para a imortalidade, como se sabe, na vaga de Afrânio Peixoto, na cadeira n.º 7, que tem como patrono Castro Alves.

Contemporânea" reputa-se da maior importância. Assim pretendemos restabelecer logo que nos fará possível — talvez já no próximo número.

O que as  
mulheres  
bonitas  
dizem do  
Leite de  
Rosas...



"O MAIS EFICIENTE E ACONSELHADO EMBELIZADOR DAS AMERICANAS".

Rua Olímpio de Melo, 619-A e B (São Cristóvão) — Rio de Janeiro. — Telefone 44-7880

Na galeria de exponentes artísticos nacionais, com que Leite de Rosas ilustra e documenta a sua propaganda, figura, com especial destaque, a personalidade inconfundível de Alma Flora. Estrela do nosso teatro, à margem da vida radiofônica, o comparecimento dessa notável artista no Programa Leite de Rosas, nos estúdios da Rádio Mayrink Veiga, constituiu duplo motivo de orgulho para o notável embelezador da mulher: — o de verificar que a confirmação de suas qualidades é tão proeminente na elite artística nacional, quanto exponênea nas suas manifestações.

Leite de Rosas, desejando também homenagear a grande artista brasileira, não encontra melhor oportunidade do que a de anunciar a próxima exibição da super-produção "MAE", na qual, como estrela, Alma Flora reafirmará no cinema a trajetória luminosa que já a consagrou no teatro.

# ALBUM DE GUIGNARD



N.º 1 -- Beco da Sombra

## OS HOMENS OCOS

(THE HOLLOW MEN)

Tradução de Vinícius de Moraes

Uma esmolinha para um Pobre Cego.

Não me deixeis ir além  
No reino irreal da morte  
Deixa-me porém usar  
Disfarces deliberados  
Peles de rato, penas de corvo, galhos cruzados  
Num campo  
Indo para onde vai o vento  
Nunca além —  
Nunca aquélle último encontro  
No reino do crepúsculo.

Cégos, a não ser  
ressurjam-nos olhos  
Estrelas perpétuas  
Rosas multifolias  
Do reino do crepúsculo  
Única esperança  
De homens vazios.

V

Vamos rodar em volta do cacto  
Em volta do cacto, em volta do cacto  
Vamos rodar em volta do cacto  
Até de manhã às cinco.

Entre a idéia  
E a realidade  
Entre o movimento  
E o ação  
Cai a Sombra.

Pois Teu é o Reino

Entre a concepção  
E a criação  
Entre a emoção  
E a resposta  
Cai a Sombra.

A Vida é muito longa

Entre o desejo  
E o espasmo  
Entre a potência  
E a existência  
Entre a essência  
E a queda  
Cai a Sombra.

Pois Teu é o Reino

Assim será o fim do mundo  
Assim será o fim do mundo  
Assim será o fim do mundo  
Não com um estrondo — com um berro.

I

Não somos os homens ocos.  
Os homens empalhados  
Juntos curvados  
O crâneo cheio de palha. Ali de nós!  
As vozes ressequidas  
Ao canto que fazemos  
São quietas, são alvares  
Como vento em grama seca  
Ou cato correndo em vidro moido  
Na noite adega seca.

Vulto sem forma, sombra sem cor,  
Força paralítica, gesto sem emoção;

Aquêles que cruzaram  
De olhos fixos, o outro lado do reino da morte  
Lembram-nos — talvez — não como  
Terríveis almas perdidas  
Mas como os homens ocos.  
Os homens empalhados.

II

Os olhos com que não ousa sonhar  
No reino irreal da morte  
Esses, não voltam mais:  
Ei-los, olhos que são  
Luz de sol numa ruina  
Ei-la, é a árvore tonta  
E há vozes que estão  
Ao vento cantando  
Mais distantes e solenes  
Que uma estrela se apagando.

E' cacto a terra do cacto  
E' cacto a terra defunta  
Aqui recebe imagens de pedra  
Se levantam e aqui se junta  
A simbólica da mão de um homem morto  
A luz de uma estrela morta.  
  
E' bem assim  
No outro reino da morte  
Um despertar solitário  
Na hora leve em que nós  
Trememos mais de ternura  
E lóbios que levam beijos  
Partem-se em prece na pedra.

IV

Os olhos não estão aqui  
No vale da morta estrela  
Não vivem olhos aqui  
Neste vale desalentado  
Boca desmantelada dos nossos reinos perdidos.  
  
Neste humano fim do mundo  
Seguimos tateando  
Mudos de palavras  
Aglomerados ao longo das praias do tímido rio